

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CAROLINA SURIZ DOS SANTOS

Quando o próximo é o demônio: a alteridade cristã e seu processo de desclassificação e demonização do paganismo em *Demolição dos mistérios e dos mitos gregos* de Clemente de Alexandria (192-193 E.C.).

Porto Alegre, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CAROLINA SURIZ DOS SANTOS

Quando o próximo é o demônio: a alteridade cristã e seu processo de desclassificação e demonização do paganismo em *Demolição dos mistérios e dos mitos gregos* de Clemente de Alexandria (192-193 E.C.).

Monografia para obtenção do título de Licenciada em História do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Porto Alegre, 2017.

CIP - Catalogação na Publicação

Suriz, Carolina

Quando o próximo é o demônio: a alteridade cristã e seu processo de desclassificação e demonização do paganismo em Demolição dos mistérios e dos mitos gregos de Clemente de Alexandria (192-193 E.C.). / Carolina Suriz. -- 2017.

59 f.

Orientador: Anderson Zalewski Vargas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Antiguidade Tardia. 2. Cristianismo. 3. Paganismo. 4. Alteridade. 5. Demônios. I. Vargas, Anderson Zalewski, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Certa vez, em uma reunião com o meu orientador de pesquisa, ouvi um breve conto sobre o processo de conquistar ou de chegar em algum lugar, não me lembro bem, mas discorria-se mais ou menos assim: um homem, num dos dias mais frios do inverno, resolveu nadar de um ponto a outro, seu único objetivo era chegar do outro lado, mas a distância era árdua e as condições duras; porém, nada disso o impediu de pular na água congelante e percorrer o caminho. Era um caminho longo, laborioso e fatigante, mas era necessário para chegar ao ponto desejado. O processo de ingresso no ensino superior e toda a sua trajetória até a entrega deste presente trabalho foi meu pulo na água: complicado e lento, mas marcado por experiências que tornaram o ponto de chegada muito mais brilhante do que quando comecei a nadar. Tenho, primeiramente, a agradecer minha família, especialmente a minha mãe, Eliete, e meu pai, João, por ficarem sempre na margem me auxiliando e apoiando em todas as ações e escolhas - por mais inconsequentes que soassem- durante este tempo e por entenderem que tudo fez parte desta construção de experiências e maturidade. Agradecer aos amigos que a Universidade me possibilitou em conhecer, amigos de diferentes vidas, privilégios e que contribuíram para o crescimento desta que vos escreve: Guilherme Cardoso, por ser o maior exemplo de pesquisador, amigo, parceiro em crime que uma garota podia pedir; Greice Adriana, que acolheu uma jovem perdida e com dificuldade de interação lá no primeiro semestre, em 2012, e a ajudou a crescer e entender este espaço acadêmico para além dos livros; Fábio Moreira por me fazer sentir sortuda em ter este parâmetro de amizade e compreensão ao longo dos anos, aos vários amigos que contribuíram para a minha formação como indivíduo: Gabriel Focking, Tiago Medeiros, Diego Ravazzolo, Sarah Tolfo, Bruno Silveira, Karen Garbo – diva-, e tantos outros que fizeram deste período único e memorável. Ao professor Luiz Dario Teixeira Ribeiro, que com seu cachimbo fedorento me passou sábias, e conspiradoras, palavras. Ao professor Fernando F. Nicolazzi por ser quem me instigou a enxergar a História para fora de um quadradinho convencional e inspirou muitas ideias malucas que um dia sairão do papel. Ao meu companheiro Gabriel Truccolo de Lima, que com muita paciência e carinho me ajudou a passar pelo período de escrita desta pesquisa, e que tornou os últimos dois anos de graduação uma experiência ainda mais colorida. E por fim, mas definitivamente não menos importante, quero agradecer ao meu orientador- aquele que num dia exaustivo me contou tal conto-, Prof^o. Anderson Zalewski Vargas, que com muita persistência, sarcasmo e - como todo bom mestre- didática e atenção,

(e que deve detestar agradecimentos pomposos e melosos) conseguiu fazer com que percebesse meu potencial para pesquisa, para docência, para a história. Chego ao outro lado da costa, apenas percebendo um novo ponto reluzindo à distância. Obrigada.

RESUMO

O avanço do Cristianismo durante a Antiguidade Tardia deu-se por sua política de conversão que se sustentava no processo de demonização seus oponentes. Os séculos I a IV da Era Comum representaram o período em que o paganismo helênico viria ser o principal alvo do discurso de alteridade cristã. Para compreender melhor o que é este processo de demonização e o conceito de alteridade cristã, será analisado o capítulo II da obra “Exortação aos Gregos”, “Demolição dos mistérios e dos mitos gregos”, do teólogo do século II, Clemente de Alexandria.

Palavras-chave: Cristianismo, alteridade cristã, Clemente de Alexandria, paganismo.

ABSTRACT

The advance of Christianity during Late Antiquity was caused by its conversion policy, which was upheld in the process of demonization of its opponents. The centuries I through IV of the Common Era represented the period in which Hellenic paganism would become the main target of the discourse of Christian otherness. To better comprehend what is this process of demonization and the concept of Christian otherness the chapter II of the work "Exhortation to the Greeks", "Demolishing of the mysteries and myths of the Greeks", by the second century theologian Clement of Alexandria, shall be analyzed.

Key words: Christianity, Christian otherness, Clement of Alexandria, paganism.

Sumário

Introdução.....	09
1. O primeiro quaternário (I-IV E.C.), o gênio cristão e uma cidade.....	14
1.1 O primeiro século: entre o evangelho de Marcos e a perseguição aos judeus.	15
1.2 O século II: quando o paganismo se torna demoníaco.....	17
1.3 Atenas e o neoplatonismo no caminho da expansão cristã.....	21
2. A batalha cósmica entre o Bem e o Mal	24
2.1 E de onde vem o Mal? - O grande debate do primeiro quaternário e seus pensadores.....	26
2.1.1- Marcião, O Sírio (+-85 – 160)	27
2.1.2- Justino, O mártir (100-165)	27
2.1.3- Irineu de Lião (+- 140- 202)	28
2.1.4- Tertuliano (+- 170- +- 220)	29
2.1.5- Orígenes (+- 185- +- 254)	29
2.1.6- Lactâncio (240-320)	30
2.2 Dualidade e Monaquismo.....	31
2.3 Clemente, o teólogo gnóstico renegado pela Igreja.....	33
3. Demolição.....	36
3.1 - Primeiro procura despertar o horror.....	38
3.2 – A sátira que deslegitima	40
3.3 – Panteão, este grande antro de charlatões.....	43
3.4- O que pior do que meros mortais?	45
3.5 –E no fim todos são apenas demônios.	48
Considerações Finais.....	53
Bibliografia.....	57

“Mas os selvagens são criaturas estranhas; as vezes você não sabe como lidar com eles. A princípio são intimidantes; sua simplicidade calma e contida parece uma sabedoria socrática. (...)Tudo isso me parecia muito estranho; mas pensando melhor, havia algo de sublime nisso(...). Era um selvagem; um espetáculo dentre os espetáculos; contudo, comecei a me sentir misteriosamente atraído por ele. E aquelas mesmas coisas que teriam repellido a maioria dos outros eram os próprios imãs que assim me atraíam. Vou experimentar um amigo pagão, pensei, já que a bondade cristã se revelou mera cortesia vazia.”

“Filho das trevas, devo fazer meu dever contigo; sou um dos proprietários deste navio e me preocupo com todas as almas da tripulação; se te agarras aos modos Pagãos, que receio ser o caso, peço-te que não sejas para sempre escravo de Belial. Rejeita o ídolo Baal e o terrível dragão; afasta a cólera iminente; muito cuidado, repito; oh Valha-me Deus! Desvia-te do caldeirão do inferno!”

Moby Dick- Herman Melville

“Então, é isso que é o inferno! Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno...O inferno são os outros.”

Entre quatro paredes - Jean Paul Sartre

INTRODUÇÃO

O fascínio em estudar discursos, costumes, a literatura, vestígios pertencentes à Antiguidade, desenvolve-se pela distância com a qual tal vida se encontra de nós- indivíduos contemporâneos, imersos no dia-a-dia corrido, tecnológico e presentista-. O Mundo Antigo nos parece estar preso em uma bola mágica no tempo, onde as culturas e suas línguas nos remetem ao exótico, ao incomum, ao diferente. A curiosidade que ele desperta em pesquisadoras e pesquisadores da área pode se dar por diversas razões: alguns fabulam nos versos de Homero, outros enxergam cena por cena em Tucídides, uns encontram a imagem de um verdadeiro líder em Sargão da Acádia; mas o que esta para além de todos esses personagens que compõe o quadro multicultural que é a Antiguidade? Ou o que os constituem como seres deste mundo tão longínquo? O ato de adorar o invisível.

O sujeito no Mundo Antigo clássico e tardio era essencialmente conectado a um universo cósmico, que lhe representava a grande “expressão de potências sagradas que, revestidas de formas diversas, constituem a trama verdadeira do real, o ser atrás das aparências, a significação além dos sinais que a manifestam”¹, tornando a religião o centro de sua existência. O discurso religioso, seja um tratado ou um poema de origem, esta intrinsecamente ligado a esta sociedade antiga, principalmente na região do Mediterrâneo.

O Cristianismo sem dúvida alguma foi o grande discurso que encerrou e definiu o corte entre duas eras, a clássica e a tardia. Sua fórmula, ainda que maleável à região e cultura que toca, reestruturou o mundo antigo tanto ocidental quanto oriental em meio a emancipação e queda do grande Império Romano. Possuía uma paleta diversa de línguas e adaptações das escrituras, afim de envolver-se com a comunidade que estava atenta à conversão para um novo tipo de adoração. O alexandrino Tito Flávio Clemente (+-145-215 E.C.), nascido pagão e convertido cristão já em vida adulta, constitui parte dos teólogos que conseguiram estabelecer-se nos anais de uma produção cristã primitiva; sua obra completa, por mais que metodologicamente controversa, baseia-se no verbo educar, ensinar, passar adiante o conhecimento. E a partir de uma concepção filosófica deste verbo, elabora uma trilogia de catequizações para o gentio, para o pagão insolente à sua adoração tradicional, para o grego que carrega em si a ilustração do mundo pagão no seu auge, e reflete para a

¹ VERNANT, Jean-Pierre. “A sociedade dos deuses”. In: Mito e Sociedade na Grécia Antiga”. Rio de Janeiro: UnB e José Olympio Editoras, 1992, Rio de Janeiro. Tradução de Mirian Campello. p.91

nova religião, o gênio de uma pluralidade religiosa e cósmica ameaçadora para o *logos* divino monoteísta e exigente do deus cristão.

Entrei em contato pela primeira vez com Clemente em dois mil e quatorze, quando o discurso cristão de conversão na Antiguidade Tardia despertava-me curiosidade por sua inigualável política de alteridade. Uma primeira pesquisa sobre o teólogo aponta que suas três obras máximas- o *Protreptikos* (Exortação), *Paidagogos* (Educar) e o *Strómata* (conjunto de teses) - foram recepcionadas em meio a uma polêmica acerca da concepção do Mal cristão no mundo antigo tardio. A primeira obra desta trilogia da conversão chama-se “Exortação aos gregos” (+- 193-195 E.C.) e é nela que se sustenta esta presente pesquisa.

Clemente, nesta composição literária do século II, procura provar, como o mesmo afirma, a verdade sobre o panteão grego e expor o que considera como o verdadeiro *logos* divino- no caso- a Palavra de Deus. Dentre os doze capítulos, destaco o segundo, conhecido como “A demolição dos mistérios e dos mitos gregos”. O tema deste item da obra causou um maior impacto do que o restante, tanto pela audácia e agressividade com que seu autor caracteriza e narra os mistérios das divindades gregas, quanto por fazer isso em um momento onde a tradição greco-romana pagã estava retornando com força às províncias helênicas, causando conflitos civis com a comunidade cristã local no Império.²

Após uma leitura inicial, foi possível perceber certas caracterizações que se seguiam após a “demolição” de um mito ou mistério. O teólogo, nesta “missão” de revelar a verdade escondida para o gentio- que considera enganado pelo universo pagão que o cerca-, aproveita por definir estas divindades com base na sua construção de Mal, focando na figura de Zeus, a quem constantemente se refere como corrupto, incestuoso, sedutor e apresentando de forma negativa o antropozoomorfismo do deus:

“Que tal se eu continuasse o relato? Deméter, por seu turno, dá à luz; Core cresce; Zeus une-se, novamente e, desta vez, com Feréfata, a engradada por ele, sua própria filha, depois de ter feito o mesmo com sua mãe Deméter, esquecido do primeiro crime, Zeus, pai e corruptor da menina, uniu-se a ela transformado em dragão, dando demonstração do que ele era.”³

² PAGELS, Elaine- “The Gospel of Mark and the Jewish War”. In: “The Origin of Satan”. New York, Publisher: Vintage Books, 1995. Pág. 112-113.

³ “Τί δ' εἶ καὶ τὰ ἐπίλοιπα προσθεῖν; Κυεῖ μὲν ἡ Δημήτηρ, ἀνατρέφεται δὲ ἡ Κόρη, μίγνυται δ' αὖθις ὁ γεννήσας οὐτοσὶ Ζεὺς τῇ Φερεφάττῃ, τῇ ἰδίᾳ θυγατρὶ, μετὰ τὴν μητέρα τὴν Δηώ, ἐκλαθόμενος τοῦ προτέρου μύσου, πατήρ καὶ φθορεὺς κόρης ὁ Ζεὺς, καὶ μίγνυται δράκων” ALEXANDRIA, Clemente de - II.16.1 “Capítulo II: A demolição dos mistérios e dos mitos gregos” In: *Exortação aos Gregos*. p.45. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. Ed: Realizações Editora, São Paulo, 2013.

Essas caracterizações que são apresentadas de forma mordaz ao leitor, desenvolveram um apelo para a elaboração de uma monografia, pois a todo o momento em que elas são ilustradas pelo texto, ou situam-se implícitas ao longo dele, o mesmo tipo de quadro perambula pelo imaginário da pesquisadora: a clássica determinação que a figura do Mal no Cristianismo incorpora: a de seres com tipificações físicas- ainda presentes no tempo contemporâneo nas diversas representações diabólicas e demoníacas impregnadas em nossa cultura comum- da serpente aos chifres. Este estabelecimento de uma substancialização do Mal por parte de Clemente, levou-me a questionar o que aqui irei chamar de alteridade cristã- essa política demonizadora que é aplicada a partir de um reflexo social do cristão no mundo pagão antigo. Afim de perceber estas determinações malignas que o paganismo greco-romano sofre através do discurso cristão, o recorte temporal necessário para iniciar uma análise da expansão cristã, a partir de um ataque às outras religiões que constituíam o Mediterrâneo, para além do século II, se estende naquilo que consideramos como o primeiro quaternário da Era Comum, onde os principais teólogos, assim como evangelhos no Novo Testamento, são frutos.

Com isso em mente, procurei localizar trabalhos que dissertassem sobre a configuração que forma essa imagem inimiga no discurso cristão e, onde, estava situada a ideia de Mal ou como ela era concebida no período abordado. Para isso, a pesquisa aqui desenvolvida se sustenta em trabalhos que apresentam um diálogo entre o expansionismo cristão e o discurso de demonização que ele aplica às religiões estabelecidas no Império, principalmente ao paganismo clássico-romano. O cerne se concentra no livro “The Origin of Satan” da historiadora estadunidense Elaine Pagels, onde a autora defende que a construção da imagem de Satã dentro do discurso cristão deu-se a partir de implicações sociais que expressam o conflito humano, as formas de caracterização que são geradas dos inimigos e a percepção de nós mesmos e aqueles que chamamos de “outro”⁴. No âmbito das tendências filosóficas cristãs sobre a concepção do Mal, o dossiê de Germano Miguel Favaro Esteves “Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o Mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia” se mostra um grande auxílio para entender “(...) como os autores cristãos do período pensaram e externaram na

⁴ PAGELS, Elaine- “The Gospel of Mark and the Jewish War”. In: “The Origin of Satan”. New York, Publisher: Vintage Books, 1995. Pág. XVIII

literatura teológica e hagiográfica as representações imaginárias a respeito do Mal”⁵ e por fim, o artigo da historiadora Hélene Saradi “Late Paganism and Christianisation in Greece”, onde, a também arqueóloga, procura -ao analisar o sítio arqueológico em Atenas- vestígios daquilo que chama de paganismo tardio e como este foi-se esvaecendo com a cristianização da Grécia - que é o objeto de Clemente. A partir do estudo mais aprofundado dessas três obras de revisão bibliográfica, somado ao auxílio de bibliografias adicionais, três questões se tornam pertinentes: A representação do Mal, apresentada por Clemente de Alexandria, condizia com a política cristã de conversão que sustentou a religião durante os quatro primeiros séculos da Era Comum? O discurso de substancialização do Mal e desclassificação do paganismo greco-romano presente no capítulo II da obra “Exortação aos gregos” seria incomum para o corpo social cosmogônico dessa Antiguidade Tardia? E por fim, a partir do desenvolver das duas questões anteriores, seria possível afirmar que este discurso caracterizaria o que proponho como uma política de alteridade cristã?

Seguindo estes apontamentos como norte para a corrente pesquisa, os capítulos que se seguirão ao longo dela foram divididos afim de que o leitor pudesse compreender a trajetória que a concepção de Mal e demonização do paganismo desenvolve dentre os séculos I à IV da Era Comum. No primeiro capítulo veremos o contexto histórico destes primeiros quatrocentos anos a partir da perspectiva que aqui chamaremos de gênio cristão: as relações e conflitos que a cristandade desenvolve com o Império Romano, com os Judeus, e por fim com os pagãos, durante a construção do Novo Testamento. No segundo, procuro entender a forma com que evoluiu a concepção de Dualidade dentro do pensamento cristão e da Igreja- que neste momento já se estabelecia como instituição. São apresentados os principais teólogos e seus posicionamentos, padres e pensadores da época, e como as discussões acerca do dualismo se tornaram a grande questão dentro da Igreja, que acaba por determinar os processos de demonização das religiões pagãs a partir delas. E no terceiro e último capítulo, pretendo apresentar de forma mais objetiva a fonte em si, selecionando seções específicas onde este discurso de alteridade esta mais presente. Os trechos selecionados serão apresentados em português, na versão da tradutora Rita Codá dos Santos, com seus versos originais nas notas de rodapé. Por fim, procuro compreender se é possível atribuir essa construção de uma política e discurso de alteridade com fins de exclusão social, a partir da

⁵ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35, 2016. p.01

análise do Capítulo II da obra “Exortação aos Gregos” de Clemente de Alexandria, “A demolição dos mistérios e dos mitos gregos” e o que a substancialização do mal, o discurso moral presentes nele contribui para tal análise.

Para efeitos de apontamento de organização do texto será levando em conta que toda forma de classificação temporal é tida como Era Comum, e caso haja alguma temporalidade que não corresponda à este recorte será especificado a abreviação a.E.C. (antes da Era Comum) ao lado. Para as referências bíblicas trabalhadas a longo do texto, foi utilizado como fonte a Bíblia de Jerusalém da Editora Paulus, 9ª edição, São Paulo, 2013. A fonte foi retirada da Coleção Medievalia, em uma edição bilíngue, com a versão em português traduzida por Rita Codá dos Santos. E por fim, todos os trechos selecionados de bibliografias em inglês serão expostos em uma versão traduzida pela autora, com seu formato original ao fim da página.

I

O primeiro quaternário (I-IV E.C.), o gênio cristão e uma cidade.

Dentre os recortes que uma pesquisadora da área tem que fazer ou reconhecer para poder se localizar temporalmente ao trabalhar a História, o tempo e os vestígios que os compõem, nada é tão significativo do que a configuração que rege até os dias de nossa contemporaneidade: aquela que divide de forma abrupta a antiguidade pagã, cosmopolita e clássica, de uma antiguidade cristã, neoplatônica, tardia. A Era Comum - como denominamos o nosso tempo - iniciou-se com o passo de um novo discurso religioso que definiu as fronteiras culturais e políticas do mundo antigo tardio e, posteriormente, medieval. O período que melhor ilustra esta transição vanguardista se estende nos quatro primeiros séculos desta Era. São eles decisivos para este discurso religioso, que crescendo de forma exponencial, conseguiu se enraizar em uma sociedade virtualmente marcada pela cosmogonia greco-romana.

O Cristianismo foi a grande obra-prima⁶ que o Império Romano ajudou a propagar pela região do Mediterrâneo até sua disseminação completa pela Europa. Paul Veyne argumenta que a grande originalidade da oratória dos seguidores de Cristo era a de ser uma religião de amor, onde se “tem por fundamento uma paixão mútua da divindade com a humanidade ou, mais exatamente, com cada um de nós.”⁷ Tal noção, onde se coloca uma autoridade carismática como ser divino máximo, junto a uma filosofia que apelava à intelectualidade clássica - um fundamento moral estranho e a proposta de uma vida para além da mortal na Terra – garante à Cristandade o gênio de um discurso inédito e revolucionário⁸ no Mundo Antigo. E, no transcorrer entre a dinastia Flaviana⁹ (69- 96) pagã e a consolidação do Cristianismo como religião oficial do Império com Constantino (307 - 337), é possível - em paralelo com este processo - perceber a inversão dos papéis de religião

⁶ VEYNE, Paul. Capítulo II “Uma obra-prima: o Cristianismo”. In: “Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394].”, 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.36

⁷ VEYNE, Paul. Capítulo II “Uma obra-prima: o Cristianismo” p: 37. In: “Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394].”, 2ª edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

⁸ Paul Veyne descreve o Cristianismo como revolucionário ao afirmar que “(...) Poucas religiões- talvez nenhuma- conheceram no correr dos séculos um enriquecimento espiritual e intelectual igual ao do Cristianismo (...)” Ibidem. p.35.

⁹ Dinastia de imperadores romanos que chegou ao poder após a guerra civil conhecida como “O ano dos quatro imperadores” que eclodiu após uma crise política seguida do assassinato de Nero. Governou Roma entre 69E.C. até 96E.C, e teve como imperadores Vespasiano (69E.C.-79E.C.), Tito (79E.C.-81E.C.) e Domiciano (81E.C.-96E.C.) Disponível em <<http://www.roman-emperors.org/vespasia.htm>> Acesso em 05 de dezembro de 2017.

combatente para religião a ser combatida em relação ao paganismo greco-romano, que se situava perante um mundo que naquele momento lhe queria tirar espaço.

Os primeiros quatrocentos anos da Era Comum foram marcados, para o Império Romano (e conseqüentemente para o Cristianismo), por um grande avanço territorial e uma intensa instabilidade político-cultural, caracterizados por perseguições religiosas, conflitos civis e enfraquecimento do poder central de Roma no século IV. Para o presente estudo, trataremos com maior foco o século II por ser o período que a fonte desta pesquisa foi produzida. Para isso, é necessário desenvolver brevemente o primeiro século de nosso tempo, assim como pontuar situações e casos dos dois últimos séculos deste quaternário inicial da Era Cristã. E, por fim, procurar entender as particularidades que o Cristianismo desenvolve na Grécia durante este período, em especial na cidade de Atenas, que é o grande centro cultural pagão no início do Império e que se torna crucial para o estabelecimento da Igreja cristã na cultura helênica e o cerne da perseguição ao paganismo.

1.1- O primeiro século: entre o evangelho de Marcos e a perseguição aos judeus.

Os fatores que caracterizaram este período de tempo em um grande conjunto de fragilidades e ambições que levaram ao fim o Império Romano foram impulsionados em sua grande parte por uma disputa de espaços religiosos onde no centro encontravam-se pagãos, cristãos e judeus. Estes três polos do sagrado conviviam num mesmo espaço geográfico, regido por uma mesma ordem política que durante o século I., especificadamente no ano de 66, levou à guerra romanos e judeus: Uma rebelião¹⁰ contra Roma eclodiu na Palestina, permitindo então, um avanço da palavra cristã às custas da perseguição do Império contra a população judaica.

Nesta altura, o evangelho de Marcos estava em seu processo de construção; considerado um dos textos mais “históricos”¹¹ do Novo Testamento, o livro serve como base

¹⁰ A Primeira Guerra Judaico-Romana (66E.C.- 73E.C.) foi um conflito entre judeus rebeldes e o Império Romano; que, em sua política expansionista, tinha conquistado Judeia. A única fonte que se tem para poder analisar o que foi este conflito está na biografia deixada por Flávio Josefo (37-100), governador da Galileia, que acaba se juntando na luta, até sua prisão por Vespasiano (9-79). Ver: PAGELS, Elaine- “The Gospel of Mark and the Jewish War”. In: “The Origin of Satan”. New York. Publisher: Vintage Books, 1995. Pag.3

¹¹ É o primeiro evangelho a ser escrito, sua produção é datada entre a década de 70E.C., no ápice da guerra judaico-cristã que ocorria na Palestina. Elaine Pagels afirma no capítulo “The Gospel of Mark and the Jewish War”, que “(...)the gospel we call Mark (although we do not know historically who actually wrote these gospels, I use their traditional attributions) was written either during the war itself, perhaps during a temporary

para os outros três evangelhos que compõe o período de vida e morte de Jesus de Nazaré (Mateus, Lucas e João), e é considerado junto a eles, ao grosso modo, literatura de uma época de guerra¹². A produção do Novo Testamento durante este primeiro século foi determinante para a construção de um discurso que iria fomentar a curiosidade de uma elite intelectual imperial, ao mesmo tempo em que ia se sustentando em cima do conflito judaico-romano, que abriu a brecha de uma possível relação diplomática entre cristãos e Roma. O evangelho de Marcos procura criar uma dicotomia entre os grupos de judeus que constituíam a região que hoje é Israel.

Durante o primeiro século, os romanos prendiam e crucificavam os judeus acusados de insubordinação, muitas vezes - de acordo com Fílon¹³-, sem mesmo um julgamento. Mas como os evangelhos indicam, Jesus também possuía inimigos entre os seus compatriotas judeus, especialmente os sacerdotes de Jerusalém e seus aliados influentes, que sentiam-se ameaçados por suas atividades.¹⁴

É na elaboração dessas escrituras que se inicia a manifestação de uma concepção de mal cristã, baseada numa demonologia hebraica e que a partir do século I começa a se desenvolver na medida em que o ambiente político-religioso do Império se molda a partir de sua inconstante situação de poder. O povo judeu foi o primeiro a entrar em uma lógica combativa do Cristianismo primitivo, e o evangelho de Marcos acaba por ser o grande impulsionador de um discurso *demonizador* contra os judeus, ao colocar os fariseus¹⁵ como os grandes conspiradores da fé em Cristo:

“E entrou de novo na sinagoga, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. E o observavam para ver se o curaria no Sabbath, para o acusarem. Ele disse ao homem da mão atrofiada: ‘Levanta-te e vem aqui para o meio’. E perguntou-lhes: ‘É permitido, no sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou matar?’ Eles, porém, se calavam. Repassando então sobre eles um olhar de indignação, e entristecido pela dureza de seus corações, disse ao homem: ‘Estende a mão’. Ele a estendeu, e sua mão estava curada. Ao se retirarem, os fariseus, com os herodianos, imediatamente conspiraram contra ele sobre como o destruiriam.” (Marcos 3:1-6)

lull in the siefe of Jerusalem, or immediately after the defeat, in 70C.E. Matthew and Luke wrote some ten or twenty years later, each using Mark as his basis and explaining Marks narrative with futher saynings and stories.” p. 08.

¹² PAGELS, Elaine- “The Gospel of Mark and the Jewish War”. In: “The Origin of Satan”. New York, Publisher: Vintage Books, 1995. p.08

¹³ (25 a.E.C.- 50) membro influente da Comunidade Alexandrina Judaica do início do século I E.C.

¹⁴ Ibidem. p.14 “During the first century the Romans arrested and crucified thousands of Jews charged with sedition- often, Philo says, without a trial. But as the gospels indicate, Jesus also had enemies among his fellow jews, especially the Jerusalem priests and their influential allies, who were threatened by his activities.”

¹⁵ Grupo ortodoxo de judeus, que no fim do século I ganhou grande apoio da comunidade judaica que residia em Jerusalém.

A guerra entre judeus e romanos polarizou os seguidores de Jesus dentro das comunidades judaicas. Eles tinham se recusado a lutar contra os romanos por acreditarem que os eventos após a crucificação eram sinais que o fim dos tempos estava próximo e que o seu messias, Jesus Cristo, retornaria. Somado a isso, contestavam a fé judaica ao passo que estes estavam perdendo a guerra para Roma de forma trágica, e isso aos olhos de um cristão era motivo para questionar a força da religião hebraica, pois o verdadeiro Deus jamais permitiria tal massacre aos seus filhos, ou então os estava punindo por terem rejeitado o seu messias.¹⁶

Os autores dos evangelhos, sendo Marcos o seu precursor, não queriam absolver os romanos de sua política violenta contra povos que questionavam sua subordinação ao Império. Elaine Pagels afirma que o autor do evangelho de Marcos estava ciente que os romanos permaneceriam cautelosos no caso de uma nova rebelião contra o poder de Roma. O primeiro evangelho procura contar a história de Jesus não sobre uma perspectiva que contemplasse o Império Romano, mas sim de uma comunidade judaica específica que ia contra uma maioria de fiéis do Judaísmo da região de Jerusalém. Este foco permitiu um trânsito de cristãos pelo Império que foi benéfico para a expansão da palavra de Deus cristã pelo território greco-romano durante o século I.

1.2- O século II E.C.: quando o paganismo se torna demoníaco.

No fim do primeiro século da Era Comum, entre o intervalo da escrita do evangelho de Marcos e João, o movimento cristão tornou-se amplamente gentio¹⁷, ou seja, estava em uma situação que tangenciava o paganismo e/ou não manifestava sua verdadeira adoração cristã. Tal mudança deu-se como uma reação auto protetiva que os recém-convertidos tomaram afim de acautelarem-se sobre a perseguição que sofriam por parte dos pagãos. Os martírios de cristãos nas arenas imperiais se tornaram eventos comuns para a comunidade cristã, e foram o grande impulsionador de uma organização política cristã para propagar a conversão; acusando os romanos de estarem sob ordem de Satã. Eram maltratados pela população pagã, em sua maioria oficiais romanos e a plebe nas cidades, onde promoviam

¹⁶ PAGELS, Elaine- "The Gospel of Mark and the Jewish War". In: "The Origin of Satan". New York, Publisher: Vintage Books, 1995.p.09

¹⁷ PAGELS, Elaine. "Satan's early kingdom: Christians against pagans." In. "The Origin of Satan". New York, editor: Vintage Books, 1995. p.112

atos públicos de injúria que levavam ao suplício; o principal motivo era o “ateísmo” que os cristãos fomentavam com sua crença. Para os pagãos, ao negar a existência ou não participar de oferendas e rituais que envolviam a adoração mítica greco-romana, os cristãos poderiam causar o despertar da ira dos deuses, que acabaria se lançando sobre todo o Império. O século II E.C. abre com uma mudança no principal inimigo do mundo cristão: enquanto duas gerações antes do início do século de Marco Aurélio (121-180)¹⁸ afirmava que Satã se encontrava entre os judeus, por volta de 100-140, com a perseguição romana se tornando um obstáculo cada vez maior, o mal passa a figurar entre os pagãos.¹⁹ Porém, tal alteração de foco não foi uma escolha fácil, tão pouco politicamente favorável para o movimento cristão da época: “No momento ainda que os cristãos eram um movimento das minorias junto com as comunidades judaicas, eles tentaram considerar outros judeus como inimigos em potencial e os gentios como possíveis convertidos.”²⁰ Nos evangelhos de Matheus e Lucas é possível perceber um discurso que procura retratar os romanos e gentios de uma forma positiva em geral, afim de não sofrerem retaliações por parte da estrutura de poder e composição civil do Império Romano.

De acordo com o relato de Lucas nos Atos, Paulo considerava os magistrados romanos como seus protetores contra a hostilidade judaica; o próprio escreve para os cristãos em Roma, ordenando-os para “obedecer os poderes mais altos [do Império], pois não há autoridade maior que Deus, e os poderes [na Terra] instituídos, apenas existem pois são instituídos também por Deus(...) pois Deus deu-os o direito de ‘carregar a espada’ e ‘executar a sua ira.’” (Rm. 13:1)²¹

Contudo, Paulo é executado no início do século I, provavelmente por um magistrado romano²², o que gera uma onda de discursos produzidos por seus seguidores, onde um ataque aos romanos pagãos era forjado. João, ao escrever o Livro das Revelações, discorre sobre seu amargo exílio e sobre a desafortunada situação dos cristãos dentro do Império, onde eram presos, torturados e mortos por ordens do alto escalão romano. Com isso, os evangelhos vão direcionando a sua retórica de alteridade para os pagãos. “Gentios convertidos, que eram

¹⁸ Marco Aurélio foi o principal imperador da Dinastia Nerva-antonina, que governou Roma entre 96 a 192.

¹⁹ Ibidem. p.112

²⁰ Ibidem. p.112. “So long as Christians remained a minority movement within Jewish communities, they tended to regard other Jews as potential enemies, and gentiles as potential converts.”

²¹ Ibidem. p.113 “According to Luke’s account in Acts, Paul regarded Roman magistrates as his protectors against Jewish hostility; and Paul himself, writing to Christians in Rome, orders them to ‘obey the higher powers; for there is no authority except from God, and the powers that exist are instituted by God’, even in their God-given right to ‘bear the sword’ and execute God’s wrath” (Rom. 13:1)

²² Ibidem. p.112

odiados por outros gentios – geralmente membros de suas próprias famílias, moradores da mesma cidade e magistrados de sua província- acreditavam que os adoradores dos deuses pagãos eram influenciados por Satã para ameaçar o povo de Deus.”²³ Lucas chega até estipular que a crucificação foi um trabalho elaborado entre os líderes judeus e os romanos, que forçaram uma aliança temporária para tentar impedir a manifestação divina de Jesus: “E nesse mesmo dia Herodes e Pilatos ficaram amigos entre si, pois antes eram inimigos.” (Lc. 23:12)

Com o paganismo, a situação de convivência dentro de um mesmo domínio político era extremamente diferente da relação que o Cristianismo desenvolvera com o Judaísmo, pois o que alimentava uma discordância entre judeus e cristãos ofendia ainda mais aos pagãos. Pagels utiliza o historiador Robert Wilken para ilustrar este ponto que era crítico entre a comunidade cristã e pagã: “[Os] cristãos cortaram as cordas da tradição entre religião e nação ou povo.”²⁴ O paganismo sobreviveu por séculos graças a sua habilidade de adaptação aos costumes que a sociedade ia desenvolvendo, aos manejos que os poderes políticos faziam dele e principalmente à manutenção de uma tradição que identificava-se com o lugar onde era exercida. Enquanto a tradição judaica tinha a sua religião como algo único, que crê na perpetuação de um costume como um legado e encontrava-se dispersa ao redor do mundo antigo, o paganismo era sujeito ao lugar social que o abraçava; não era um credo, mas sim uma virtude em observar os sistemas ritualísticos que estavam a sua volta. O historiador Ken Downden define rituais como uma forma de linguagem que acaba por definir o lugar do indivíduo no mundo.²⁵ O Cristianismo aplica a sua lógica de conversão apontando diretamente para este sistema de rituais, o igualando a uma rede maligna de práticas. Incentivava os novos-cristãos a abandonarem seus laços familiares, os seus costumes ancestrais, o vínculo sagrado que tinham com seu espaço de vivência, englobando tudo isso num discurso que promovia a exclusão social daqueles que não seguiam a verdadeira “Palavra”.

²³ Ibidem. p. 114 “Gentile converts who were hated by others Gentiles- often members of their own families, their townspeople, and their city magistrates- believed that worshipers of the pagan gods were driven by Satan to menace God’s people.”

²⁴ WILKEN, 1979, apud PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, editor: Vintage Books, 1995. p. 114.

²⁵ “Paganism was not creedal, but a matter of observing systems of ritual. Ritual too is a language, one which involving defines the place of man in the world.” DOWNDEN, Ken. “Approaching paganism”. In: “European paganism –the realities of cult from antiquity to the middle ages. Publisher: Routledge Taylor&Francis Group. New York, 2000. p.02.

O movimento que começou como uma seita dentro do Judaísmo e foi rejeitado pela maioria dos judeus (...) agora apelava para pessoas de cada ‘nação’ e tribo para se unir a nova ‘sociedade cristã’ e quebrar as antigas ligas de parentesco e afiliação.²⁶

Isso levou à censura oficial por parte do Império, pois este ataque aos rituais pagãos, aos costumes e festas ancestrais que compunham a identidade daquela sociedade, era mais que o suficiente para o estabelecimento de uma política de perseguição a essa nova seita que estava se disseminando de forma eficaz e rápida pelo Mediterrâneo.

No correr do século II E.C. o Império Romano foi governado por no total de cinco imperadores. Dentre eles, um ganha destaque por sua filosofia que permitiu algumas décadas de hiato na relação conflituosa entre cristãos e pagãos. Marco Aurélio é considerado um dos mais importantes imperadores que constituíram o palco de cézares; tinha como uma de suas máximas a ideia de que ao refletir filosoficamente sobre o seu ser se poderia perceber como qualquer indivíduo era sujeito das forças que regiam o universo²⁷. Governou como Augusto dentre os anos de 161-180 E.C. e tem como principal característica seu discurso filosófico vinculado ao estoicismo:

(...) [os] filósofos estoicos tendiam a reduzir as qualidades estranhas, caprichosas e hostis que os antigos poetas Homero, Safo e Hesíodo atribuíram aos deuses, entretanto, Marco acreditava que todos os deuses e *daimones*²⁸, por mais que parecessem caóticos e conflituosos, eram, na verdade, parte de uma única ordem cósmica.²⁹

Este posicionamento do imperador durante seus vinte anos de reinado trouxe vantagens para a comunidade pagã, e ao mesmo tempo fez com que as perseguições oficiais

²⁶ PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, Publisher: Vintage Books, 1995. p.114 “The movement that began as a sect within Judaism and was rejected by the majority of Jews, whom it repudiated in turn, now appealed to people of every nation and tribe to join the new ‘Christian society’ and to break all former bonds of kinship and affiliation.”

²⁷ Ibidem. p.126 “In his daily round of duties, Marcus constantly invoked philosophic reflection to remind himself that he, like everyone else, was subject to the forces that rule the universe.”

²⁸ “(...) segundo Platão, são [seres] superiores aos homens e servem de liame entre a divindade e o mundo sensível, passarão a se identificar com os mensageiros do deus hebraico e serão denominados pelos cristãos de “anjos” (a[ggeloi], ao passo que o termo ‘demônios’ (*daivmonev*), para os apologistas cristãos, restringir-se-á aos anjos que se rebelaram contra Deus(...)”. SANTOS, Rita Codá dos. “Capítulo 3: O protrético de Clemente de Alexandria- a refutação ao politeísmo e suas práticas”. In: “Exortação aos gregos: a helenização do Cristianismo em Clemente de Alexandria”. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2006. p.59

²⁹ PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, Publisher: Vintage Books, 1995. p.126 “(...) Stoic philosophers tended to diminish the uncanny, capricious, and hostile qualities that the ancient poets Homer, Sappho, and Hesiod attributed to the gods. Marcus had come to believe that all the gods and *daimones* (‘spirit beings’), however chaotic or even conflicting they appear, are actually part of a cosmic order.”

do Império para com os cristãos diminuíssem, o que levou a um breve período de coesão. Mas a política discursiva dos cristãos não se alterou ou deixou se influenciar pela filosofia vinda da administração do lugar que viviam:

Por mais que muitos pagãos tenham começado a acreditar que todos os poderes do universo são, em última análise, um só, apenas judeus e cristãos veneravam um único deus e denunciavam todos os outros como demônios malignos. (...) Ao recusar a adoração aos deuses, os cristãos estavam definindo um escudo entre eles e todos os pagãos, entre as sanções divinas e o governo romano (...).³⁰

O segundo século da Era Comum, que possibilitou uma maior manifestação da crescente comunidade cristã, foi um período de grande perseguição pelos pagãos, que se intensificaria ainda mais no século III E.C. e que, ao mesmo tempo viabilizou um desenvolvimento do que viria a ser uma filosofia cristã, dando início a uma rede de pensadores da seita de Jesus Cristo que ascenderia até a elite do Império Romano, onde encontra-se o autor de nossa fonte, Clemente de Alexandria.

1.3 Atenas e o neoplatonismo no caminho da expansão cristã.

O território conquistado pelo Império Romano se estendia da Pérsia à Gália, passando pelo norte da África - onde encontrava-se o suntuoso Egito- mas era entre estas regiões, logo abaixo da bota itálica, que se localizava o grande centro cultural que abrigava e estimulava a intelectualidade greco-romana: a Grécia. A província grega durante o final do século II e principalmente entre os séculos III e V tornou-se para a comunidade pagã este grande eixo onde os rituais, os mistérios e celebrações possuíam força e espaço para serem realizados. A persistência do paganismo na Grécia, principalmente em Atenas – após o imperador Adriano (76- 138) promover a cidade a centro cultural do pan-helênio³¹ em 131-132 E.C.- pode ser explicada por diversos fatores, dentre eles se destacam três: a força das escolas filosóficas; a posição que a região ocupava dentro da administração política e econômica do Império –

³⁰ Ibidem. p.130 “Although many pagans had come to believe that all the powers of the universe are ultimately one, only Jews and Christians worshiped a single god and denounced all others as evil demons.(...) By refusing to worship the gods, Christians were driving a wedge between themselves and all pagans, between divine sanctions and Roman government (...).”

³¹ Decreto feito pelo Imperador Adriano em 131 ou 132 onde a cultura helênica deveria ser celebrada por sua sociedade, isso incluía grandes festivais em adoração aos deuses pagãos gregos.

em contraste com as províncias do leste-; e, com exceção de Tessalônica, a ausência do monaquismo, ou seja, de uma vida devota e em retiro pela fé.³²

A historiadora Hélène Saradi, ao trabalhar os vestígios arqueológicos de um paganismo que classifica como tardio, aponta que as evidências encontradas nos sítios em Atenas proveem informações valiosas sobre o fim dos templos pagãos. O fenômeno é tradicionalmente ligado ou à suposta indiferença dos pagãos tardios e aos poucos recursos das comunidades ou a eventos naturais, ou até mesmo às invasões visigodas. A certeza é que o desaparecimento ou transformação destes templos têm como principal causa o avanço do Cristianismo na cidade grega. As inscrições que ilustram o processo de transição mais claramente, aludem a adesão à Cristandade ou a declaram vitoriosa³³ em uma disputa por uma zona influente religiosa. O sítio arqueológico em Atenas é o escolhido pela autora para analisar a transição deste paganismo tardio a uma cristandade bem estabelecida e influente no cerne religioso do Império no primeiro quaternário da Era Comum; é lá que estão mais bem preservados as demonstrações e documentos de perpetuação de uma ordem pagã que tentou resistir ao avanço cristão após o século IV, tudo isso graças à sobrevivência da filosofia neoplatônica e ao aparente evento de cristianização do Partenon.³⁴

Atenas possuía um apelo tão forte à comunidade pagã do Império que era sustentada pela população mais abastada e intelectual para poder manter uma tradição ritualística dos mistérios gregos. Nos séculos IV e V da Era Comum, quando o Cristianismo já se tornara a religião oficial do Império através da conversão de Constantino em 312, o filósofo neoplatônico Plutarco pagou três vezes mais o valor comum para que sagrado navio de Atena pudesse chegar em procissão até o templo da deusa.³⁵ O pan-helenismo ainda despertava grande admiração e unia os intelectuais neoplatônicos do primeiro quaternário; o orador Himério, no século X descreve a procissão pan-helênica declarando como era doce e

³² SARADI, Helen G., ELIOPOULOS, Demetrios – Late Paganism and Christianisation in Greece. In: LAVAN, Luke/MULRYAN, Michael – “The Archeology of Late Antique.” Publisher: Brill, Boston, 2011. p.263

³³ Ibidem. p.264. “(...) inscriptions often illustrate the process of transition more clearly, for they define pagan cult and beliefs, and allude to and adherence to Christianity or declare Christian belief and victory (...).”

³⁴ Ibidem.p.264

³⁵ Ibidem.p.266

merecedora de adoração, não apenas ver a celebração mas também de poder conversar sobre com os helênicos.³⁶

Os filósofos neoplatônicos deram ao paganismo ateniense uma identidade intelectual e particular. Neoplatônicos eram ativamente envolvidos no culto pagão, sendo o filósofo Plutarco, do qual a família era ligada ao sacerdócio de Esculápio³⁷, no qual [menciona o fato] numa inscrição fragmentada em conexão ao deus.³⁸

É dentro deste contexto de forte influência neoplatônica e de grande resistência e prosperidade de um sistema pagão de rituais e celebrações do mundo helênico que Atenas acaba se tornando este objeto de cobiça dos cristãos: o último grande foco de combate ao paganismo encontrava-se no cotidiano de sua sociedade. No século II, a vida pagã na principal cidade grega era de grande intensidade e exemplar para o resto do Império Romano, fato que levou Clemente a escrever sua exortação em um momento de auge do paganismo tardio e perseguição aos cristãos no final do segundo século.

³⁶ Ibidem. p. 266. “The orator Himerius describes the Panathenaic procession, declaring how sweet and worthy of admiration was it not only to see the Panathenaia, but also to talk about it to the Hellenes.”

³⁷ Na mitologia greco-romana seria a representação do deus da cura, da medicina.

³⁸ SARADI, Helen G., ELIOPOULOS, Demetrios – Late Paganism and Christianisation in Greece. In: LAVAN, Luke/MULRYAN, Michael – “The Archeology of Late Antique.” Publisher: Brill, Boston, 2011. p.266 “(...) Neo-Platonist philosophers gave Athenian paganism an intellectuality and particular identity. Neo-Platonists were actively involved in the pagan cult, such as the philosopher Plutarch, whose family was linked to the priesthood of Asclepius, and who is mentioned in a fragmentary inscription in connection to the god.”

II

A batalha cósmica entre o Bem e o Mal

Os séculos I a IV- para além de um período que compreendeu um expansionismo essencial do Cristianismo no Império Romano- é o espaço de formação da Patrística³⁹, quando surgem os principais teólogos e padres deste quaternário inicial e as primeiras definições do *logos* divino cristão. A literatura cristã greco-latina, de acordo com os historiadores Claudio Moreschini e Enrico Norelli, se caracteriza pela referência a uma tradição religiosa que é voltada para a figura de Jesus de Nazaré, o Cristo.⁴⁰ Porém, a produção dos escritos voltados para a disseminação da palavra de Deus se misturavam ou se viam refletidos pelo corpo sociocultural que estava presente no Império neste momento; o Cristianismo ao iniciar a sua expansão afora da Palestina se desenvolveu em um universo marcado pela lógica romana e pelo espírito grego: uma realidade assinada por dicotomias culturais e religiosas de relativa passividade, onde correntes filosóficas se entrecruzavam.⁴¹

Desse modo, os textos cristãos desenvolvem imagens diversas de Jesus, de sua doutrina, das comunidades que a ele se reportam, do próprio Deus; por vezes, também, sua referência a figura fundadora é tênue ou apenas implícita, a ponto de não se poder ter certeza desse ou daquele escrito à literatura cristã.⁴²

Este sincretismo religioso que tentava os escritos cristãos inaugurais da Igreja é mais preciso quando os debates acerca do conceito de Mal começam a se digladiar em pleno século II, quando o novo pensamento cristão e as heranças judaicas ainda se confundiam. Enquanto na tradição judaica, especialmente no que temos hoje como Antigo Testamento, a entidade divina máxima, *Yahweh*, representava tanto o Bem quanto o Mal, como uma correspondência dessa onipotência- na formulação de uma tradição cristã no fim do século I e durante o século II uma bifurcação entra em processo e a ideia de poderes opostos, porém não igualitários, começa a formar o que seria a dualidade entre Bem e Mal cristã.

³⁹ “(...) ciência que se dedica ao estudo dos Padres da Igreja, envolvem, na prática, o estudo de toda literatura cristã dos primeiros séculos(...)” LIÉBAERT, Jacques. ‘Prólogo.’ In: “Os padres da Igreja: séculos I-IV”. São Paulo: Edições Loyola, 3ª edição, 2013. p.: 11.

⁴⁰ MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Introdução”. In: “Manual da literatura Cristã antiga grega e latina”. São Paulo: Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. 2005. p.: 05.

⁴¹ LIÉBAERT, Jacques. ‘Prólogo.’ In: “Os padres da Igreja: séculos I-IV”. Editora: Edições Loyola, 3ª edição, São Paulo, 2013. p.:19

⁴² MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Introdução”. In: “Manual da literatura Cristã antiga grega e latina”. São Paulo: Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci., 2005. p.:6

Lembrando que durante o período de Paulo e da escrita dos quatro evangelhos canônicos que constituíram o Novo Testamento, uma constante afirmativa por parte de seus autores de não querer nenhum tipo de relação ou identificação com a comunidade “fanática” judaica- que estava em guerra com o Império- fez com que a sua base teológica procurasse se afastar das composições hebraicas. O que levaria a Igreja a pequenas crises durante este primeiro quaternário, seja por questões de discordância e discrepância entre escritos antigos ou, principalmente, no que tangia a concepção do Mal para os cristãos.

O cristianismo, como uma religião monoteísta de percepção dualista, procurou, em sua formação, substituir a luta entre Deus e Satanás, presente no Velho Testamento, por uma luta entre Jesus Cristo e Satanás, no Novo Testamento. O Diabo, desse ponto de vista, é dotado de grande poder e age em oposição às obras de Cristo.⁴³

De acordo com o historiador Germano Miguel F. Esteves, ao seguir alguns cristãos do período, é possível perceber uma lenta evolução no que diz respeito a representação do maléfico, que progride em uma longa duração, passando por formulações e maleabilidades discursivas para se sustentar ao longo dos séculos; são adotadas novas percepções inimigas que reelaboram os primeiros escritos a incitarem uma causa adversária pungente. Inácio de Antióquia, o bispo mártir do século II, ilustra bem esta questão. Vítima do período das primeiras perseguições e na certeza de seu martírio, seus escritos acabam moldando uma justificativa aceitável para os cristãos de seu destino.

A ideia de que o demônio, o líder das forças da escuridão, era o responsável por empurrar os heréticos contra os cristãos, também encontrou respaldo através do tempo. Assim, se o mundo constituiu-se como uma arena de batalha cósmica entre a luz e a escuridão, sendo a Igreja a defensora da luz e de seus seguidores, seria lógico que esta não desse nenhuma trégua ou chance que o Mal predominasse no mundo.⁴⁴

No caso, Inácio se tornaria mártir por ser sacrificado como parte de uma grande luta entre Deus e as forças demoníacas presentes nos executores de Roma. Seu papel como soldado de Cristo estava cumprido.

Este momento de formulação e discussão, no que envolve o posicionamento do Cristianismo numa questão que diretamente define uma política de expansão - e

⁴³ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016 p. 08

⁴⁴ Ibidem. p.09

consequentemente - perseguição, é composto majoritariamente por teólogos que sustentam uma narrativa de forte influência helênica, que gera um grande conflito interno no Cristianismo acerca do que seria este poder maléfico que se contrapõe ao poder de Cristo.

2.1- E de onde vem o Mal? - O grande debate do primeiro quaternário e seus pensadores.

Um dos mais importantes movimentos na religião ocidental⁴⁵, o gnosticismo⁴⁶ era tido como uma heresia dentro da comunidade cristã, sendo um resultado da radical helenização do próprio Cristianismo⁴⁷. Sua tese reside na ideia de que Deus não é o responsável pelo Mal, pois este é um princípio natural que nasce independente da vontade divina.

O gnosticismo cristão, portanto, opera uma reviravolta com relação ao judaísmo, a partir do momento em que o Deus criador do Antigo Testamento passa a ser considerado inferior, no melhor dos casos limitado e ignorante, mas muito frequentemente decididamente rebelde ao Deus supremo.⁴⁸

A onda gnóstica forçou a Igreja a criar uma demonologia, que ainda não estava coerentemente presente no Novo Testamento. Ela fazia, segundo seus formuladores, referência a um ensinamento sigiloso que Jesus teria passado aos seus discípulos, e que depois teria sido transmitido por via exotérica⁴⁹; seus principais documentos, na sua maioria de fonte anônima, são os tratados teológicos heterodoxos e os Evangelhos Apócrifos. Sua importância para o estudo da construção da representação do Mal na religião cristã encontra-se nas discussões que seu posicionamento em relação a teodiceia causaram para os escritos apologéticos da época.

O Cristianismo e Gnosticismo são em parte dualistas, porém o primeiro encontra um enorme contrapeso na onipotência de Deus e

⁴⁵ RUSSEL, Jeffrey Burton. "Satan: the early christian tradition". London: Cornell University Press, 1987. Pág.52 apud ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016. p. 10

⁴⁶ Gnosticismo, vem do termo em grego *gnose* (γνωση), que de modo geral significa conhecimento.

⁴⁷ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016, p. 10

⁴⁸ MORESCHINI, C., NORELLI, E. "Gnósticos". In: "Manual da literatura Cristã antiga grega e latina". Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. São Paulo, 2005. p.:95

⁴⁹ MORESCHINI, C., NORELLI, E. "Gnósticos". In: "Manual da literatura Cristã antiga grega e latina". Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. São Paulo, 2005. p.:94

na bondade de suas criações; em contrapartida, o Gnosticismo leva o dualismo ao extremo, acreditando que todo o mundo criado é mau.⁵⁰

Para melhor ilustrar este grande debate que caracterizou o processo de construção de uma política demonizadora cristã, vamos apresentar alguns dos teólogos do período e seu posicionamento dentro dessa influência helênica.

2.1.1- Marcião, O Sírio (c. 85 – 160)

Considerado um dos mais influentes gnósticos do século II, Marcião cria polêmica ao afirmar que se a entidade onipotente do Antigo Testamento (Demiurgo⁵¹), é a mesma que manda seu Filho para os indivíduos mortais para passar a sua Palavra, como este pode ser tão severo? O Deus sarcástico e cruel do Antigo Testamento seria o mesmo Deus misericordioso e amoroso do Novo? Marcião responde estas questões afirmando que se a entidade é a mesma em ambas as escrituras, logo, esta é a verdadeira criadora do Mal que , também é maligna. “Essas características impedem de reconhecer nesse Deus [do Antigo Testamento] a suma divindade revelada pelo Salvador como o próprio Pai; ela é identificada em um Deus superior, cuja natureza fundamental é a bondade”⁵². O teólogo diz que é apenas no Novo Testamento que temos o vislumbre de encontrar o verdadeiro Deus, pois é neste momento em que Ele nos passa a Verdade.

2.1.2- Justino, O mártir (100-165)

Justino vivia na Ásia Menor e quando jovem viu cristãos discursando, momentos antes de serem executados em uma arena por animais selvagens em uma celebração do Império. E, ao ouvir suas palavras, Justino teria tido uma revelação: estes indivíduos, chamados pelo senador Tácito de pessoas odiosas e supersticiosas, sem instrução, estavam ali “(...) realizando aquilo que Platão e Zeno considerariam como a maior conquista de um

⁵⁰ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016. p. 11

⁵¹ “Segundo o filósofo grego Platão (428-348 a.C.), ‘Demiurgo’ é o artesão divino ou princípio organizador do universo que, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente através da imitação de modelos eternos e perfeitos.” HOUAISS, Antonio. “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.” Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

⁵² MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Marcião- marcionitas – as refutações mais antigas”. In: “Manual da literatura Cristã antiga grega e latina”. Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. São Paulo, 2005. p.:93

filósofo – aceitar a morte com equanimidade(...).”⁵³ Tal comportamento mudou Justino, que mais tarde aprenderia

que a incrível confiança [dos cristãos] era derivada da firme convicção que a sua própria agonia e casual morte eram na verdade uma forma de acelerar a vitória de Deus contra as forças do Mal, corporificadas no magistrado romano que os sentenciaram à espectadores assim como Justino.⁵⁴

O filósofo converte-se ao Cristianismo, abandonando todo seu passado pagão e estoico, pois acreditava que a verdadeira filosofia estava presente na obra de Cristo. Justino, ao renascer através do batismo, enxerga nessa velha sociedade pagã apenas o Mal, “uma sociedade que, por exemplo, abandona infantes para morrer ou para serem criados por oportunistas, que os treinam para prostituição ou os vendem no mercado de escravos.”⁵⁵ Determinando assim, a sociedade pagã como espectro do Mal que deveria ser combatido.

2.1.3- Irineu de Lião (+- 140- 202)

Entre os séculos II e III, os teólogos que demonstravam interesse nos tópicos que condiziam com aspectos determinados da vida cristã, tais como moralidade, pecado, redenção, contribuíram de forma pertinente para a grande discussão que perturbava as paredes da Igreja cristã⁵⁶. Irineu foi um dos primeiros que se baseou nestes tópicos para trabalhar em defesa da unidade da Igreja, atacando principalmente os gnósticos. Para o teólogo apologista, o mundo é a criação de um Deus bom, que criou tudo que se vê com a ajuda de seus anjos – que são parte de sua obra cósmica-. A figura diabólica, sendo também sua criação, no princípio era boa, sem vícios e pura, e por cometer o ato de pecar é expulsa de sua moradia divina. “Então, desse ponto de vista, o Diabo é apenas uma criatura, para

⁵³ “Justin was profoundly shaken, for he saw a group of uneducated people actually accomplishing what Plato and Zeno regarded as the greatest achievement of a philosopher – accepting death with equanimity, an accomplishment which the gladiators’ bravados merely parodied.” PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, editor: Vintage Books, 1995. p.115

⁵⁴ “As Justin learned later, their amazing confidence derived from the conviction that their own agony and death actually were hastening God’s victory over the forces of evil embodied in the Roman magistrate who had sentenced them, and, for that matter, in spectators like Justin himself.” PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, editor: Vintage Books, 1995. p.116

⁵⁵ “(...) that, for example, abandons infants to die or to be raised opportunists, who train them as prostitutes and sell them on the slave market.” Ibidem. p. 121

⁵⁶ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016. p. 11

sempre inferior e subordinado a Deus, ideia que se estabeleceu no Cristianismo e o moveu radicalmente para fora do dualismo cosmológico.”⁵⁷

2.1.4- Tertuliano (+- 170- +- 220)

Tertuliano pode ser considerado o grande nome do movimento apologético no Cristianismo do primeiro quaternário. Instruído em retórica, filosofia e direito, Quinto Sétimo Florêncio Tertuliano, nasceu em uma família pagã e converteu-se ao Cristianismo em sua juventude. Rejeita com fúria o dualismo dos gnósticos, porém adota o dualismo ético judeu. Pregava a ideia da prática religiosa no cotidiano do cristão, insistindo que a “estrita disciplina para a vida moral era parte de uma campanha contra o Mal, já que a imoralidade levava o ser humano à vida mundana e, conseqüentemente, às garras do Diabo.”⁵⁸ Para Tertuliano, o Deus da criação era imerso em bondade, e justificava toda e qualquer maldade e dor mortal como sendo culpa pelos pecados cometidos. No que tange a convivência com os pagãos, os considerava cidadãos de outro tempo, de uma era consumida pelo Mal, onde eram os grandes discípulos de Satanás.

2.1.5– Orígenes (+- 185- +- 254)

Filho de cristãos, Orígenes assistiu seu pai ser assassinado por se recusar a fazer parte de um ritual pagão e foi um dos primeiros cristãos a dizer que as pessoas tem o direito moral nato de assassinar tiranos⁵⁹. É o teólogo neoplatônico mais conhecido da I Patrística. Viveu sua juventude durante o governo de Sétimo Severo (145- 211)⁶⁰, e escapou de sua violenta política de perseguição pois esta mantinha o foco em recém convertidos da alta-sociedade imperial. Com a morte de Severo em 211, Orígenes viu a oportunidade de criar laços diplomáticos com a elite romana, pois durante o governo de Caracala (188-217), sucessor de Severo e apaziguador dos conflitos entre pagãos e cristãos, o teólogo adquiriu um

⁵⁷ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016. p.12

⁵⁸ Ibidem. p.12

⁵⁹ PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, editor: Vintage Books, 1995. p.135

⁶⁰ Lúcio Sétimo Severo conquistou o cargo de imperador de Roma após três anos de conflitos pela sucessão de Cômodo (161-192), que fora assassinado. Seu governo se caracterizou por uma política intensa de perseguição aos cristãos. Sétimo acreditava que o Cristianismo ameaçava a estabilidade político-social do Império vendo o seu crescimento para com a elite romana, conseqüência de uma política amigável do governo anterior. PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, editor: Vintage Books, 1995. p.135-136

reconhecimento por parte dos filósofos neoplatônicos pagãos e também pelos nomes mais importantes da Igreja do período. Orígenes se tornaria o grande padre do século III de Roma e interlocutor da filosofia cristã ao entrar em um embate teórico com o filósofo pagão Celso (? -?). Sua compreensão do mundo era focada na bondade divina e na liberdade.

Assim, Deus criou o Cosmo cheio de bondade, dando o livre-arbítrio aos seres humanos e espirituais, sendo essa a causa do surgimento do Mal. Satanás foi criado como um anjo bom, mas esse anjo, por sua própria vontade, pelo livre-arbítrio, tornou-se o Diabo.⁶¹

Orígenes, influenciado principalmente por Clemente, com base nessa ideia que o livre-arbítrio é o grande responsável pelo Mal, acredita que ele também pode causar o retorno ao Bem, e assim nasce a ideia de Apocatástase, que afirma que todos os seres eventualmente retornarão ao Deus que os criou.⁶² Logo, por esta linha de raciocínio, Orígenes levanta a possibilidade de que até o Diabo em si, eventualmente, seria salvo.

2.1.6- Lactâncio (240-320)

O dualismo sendo este principal tópico de discussão entre teólogos cristãos dos séculos II, III e IV, dentro do Império Romano, especialmente no norte da África, fez com que surgisse no debate uma nova “heresia”, o maniqueísmo⁶³, que acaba por constituir em grande parte os escritos de Lactâncio. O padre dos séculos III e IV defende a cristandade contra os pagãos, afirmando que estes estão sob a influência do Mal e do Diabo. Definindo categoricamente a oposição entre Bem e Mal, Lactâncio foi dualista em vários sentidos:

“(…) ético, dando ênfase aos dois caminhos, o da justiça e o da injustiça; um dualista antropológico, observando a tensão nos seres humanos entre alma e corpo, espírito e matéria, um dualista cosmológico, salvando a bondade Deus por designar o Mal como seu adversário.”⁶⁴

⁶¹ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016. p.15

⁶² Ibidem. p.15

⁶³ “Doutrina fundada por Mani em 230, o maniqueísmo teve uma grande expansão durante a Antiguidade chegando a Pérsia, Índia, China, Turquestão, Síria, Sibéria, Egito, Cartago e Roma. O maniqueísmo, assim como outros gnosticismos, buscava explicar a origem do mal no mundo. Para tanto, pensava no mundo de forma dualista sendo gerido por dois princípios, um bom e outro mal, que estavam em luta. Tudo era explicado pela oposição entre os princípios, desde a criação do mundo (cosmogonia), a criação do homem, a moral e o juízo final.” In: CORREIA, Joana Paula Pereira. “Maniqueísmo: religião, seita ou heresia?” p.01 Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371264028_ARQUIVO_ArtigoAnpuhNatal.pdf>. Acessado em 27/12/2017.

⁶⁴ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016. p.15

Acaba por gerar uma lógica inevitável: Se Deus criasse o mundo onde o Mal não existisse, logo não se teria conhecimento ou noção do Bem, pois para conhecer um é necessário do outro. Esta é a argumentação sobre dualidade que o teólogo Lactânio aplica a sua filosofia. Desse modo sem, o Mal, o ser humano não desenvolveria a virtude.

2.2- Dualidade e Monaquismo

Com todos argumentos, embates filosóficos e discussões que promovem o conceito de Mal e alimentam a ideia de Dualismo na teologia cristã desse momento, novas heresias vão surgindo e sendo decretas pela Igreja. Dentre os novos sacrilégios eleitos, um, junto ao maniqueísmo, ganha destaque: o Donatismo. “Os donatistas argumentavam que o cristão que se rendeu ao medo das perseguições e ofereceu sacrifício aos deuses pagãos, traíndo a Igreja, não poderia ser perdoado e novamente reintegrado na comunidade cristã.”⁶⁵ Além disso, foram considerados heréticos por adaptarem o Cristianismo a uma teologia política que permitiu incorporar elementos culturais africanos à religião, procurando expandir socioculturalmente o Cristianismo à região, englobando influências nativas ao discurso de Cristo. Eram ortodoxos e afirmavam que Satã era o grande responsável pelas perseguições. Somado aos pensadores donatistas e maniqueístas, “o combate entre corpo e alma foi um tema também debatido dentro do pensamento monástico cristão”⁶⁶ O movimento dos monges surgiu no fim do século III, e teve como seu primeiro nome conhecido, Santo Antônio (251-356), que deixou a vida citadina para viver como eremita no deserto, praticando a *fuga mundi*, comprometendo-se a lutar contra os prazeres do mundo e de seu príncipe, Satã.⁶⁷ A ideia de se dirigir ao deserto para contemplar a solidão remetia a uma prova de fé que o cristão se submetia ao encarar todos “os seus demônios”, assim como Jesus o fez; “o deserto tem um sentido duplo para o monge: é um lugar de refúgio contra as tentações da sociedade, do mundo, mas também é onde as tentações vêm diretamente do Diabo.”⁶⁸ Os feitos destes indivíduos que passavam por esta experiência da fé despertavam grande interesse e curiosidade na comunidade cristã, e estes feitos onde o imaginário comum

⁶⁵ Ibidem. p.16

⁶⁶ Ibidem. p. 17

⁶⁷ Idem.Ibidem.

⁶⁸ Idem.Ibidem.

era instigado sobre esta batalha entre monges e demônios eram conhecidas até por aqueles que não possuíam a mesma fé que os cristãos. Os eremitas eram famosos por serem os alvos preferenciais dos demônios, justamente por possuírem uma vida espiritual mais elevada, sendo assim “(...) os monges se tornariam posteriormente santos, substituíram os mártires das arenas, tornando-se os ‘heróis de Cristo.’”⁶⁹ Os relatos do deserto nunca foram considerados- ou tiveram embasamento para isso- históricos, mas são de vasta importância para concretizar os princípios cristãos de fé em relação as tentações do Mal.

Atanásio de Alexandria (295- 373) produziu um dos trabalhos mais influentes sobre demonologia dentro do movimento monástico, a *Vita Antonii* -Vida de Santo Antônio- (+- 357) considerado o documento de maior importância do Cristianismo neste período inicial sobre o Diabo e sobre o modo de vida que deveria ser repetido por outros monges.⁷⁰ A demonologia é o tópico de maior presença na obra, onde o autor encara principalmente os seguintes temas:

(...) a necessidade distinguir os espíritos, métodos de luta contra os demônios e experiências vividas por [Antônio]. Este, desde o primeiro momento, foi tentado pelo Diabo quando se retirou para a vida ascética no deserto, encerrando-se em um sepulcro. (...) [reforça] a noção de que os demônios são impotentes, temerosos, que não podem causar mal nenhum, que produzem falsas imagens e que podem ser vencidos com o sinal da cruz.⁷¹

Além de Atanásio, outros importantes autores sobre a demonologia e monaquismo – Sulpício(363-425) e Jerônimo (347-420) - ajudaram a construir este imaginário em torno da figura do monge e a esculpir ainda mais a entidade demoníaca cristã. Outro importante pensador cristão que bebe dessas fontes e personificou a demonologia e lhe conferiu novas perspectivas foi Agostinho de Hipona (354-430), que trafegou entre o maniqueísmo e o neoplatonismo para compor seus escritos, porém por pertencer mais ao um período pós-primeiro quaternário seu estudo aqui é apenas mencionado para fins de reconhecimento.

2.3- Clemente, o teólogo gnóstico renegado pela Igreja

⁶⁹ Ibidem. p.18

⁷⁰ Idem.Ibidem.

⁷¹ Ibidem. p.19

E por fim, mas não menos significativo, o teólogo e autor da fonte que rege esta pesquisa: Tito Flávio Clemente (+145-215) ou Clemente de Alexandria – como ficou conhecido posteriormente-. Pode ser considerado o primeiro grande teólogo cristão a seguir uma tradição clássica da filosofia grega para propagar e demonstrar a fé cristã. De origem pagã, converteu-se ao cristianismo já em sua vida adulta, após passar por uma formação acadêmica de base helênica em Alexandria. Uma de suas principais teses era que “apesar da fé ser absolutamente superior à filosofia- o divino logos (Λόγος) é o mestre e educador por antonomásia-, tal não significa que não se devam conhecer e aproveitar as verdades parciais encontradas nas doutrinas filosóficas, e colocá-las a serviço da fé.”⁷²

Para os estudiosos de Clemente, seu raciocínio para desenvolver o verdadeiro conhecimento se dá através de cinco etapas: a propedêutica de parvos (leitura e aprendizado matemáticos na infância), as sete disciplinas encíclicas (o que posteriormente é conhecido como *trivium* e *quadrivium* no medievo⁷³), a filosofia (para Clemente um grau de conhecimento do verdadeiro logos divino), a fé (acima da filosofia e o método para compreender a verdade de Deus) e a gnose (seria o ponto mais alto dos cinco estágios do conhecimento). A gnose para o alexandrino “seria um estado habitual de contemplação, um conhecimento ao mesmo tempo afetivo e intuitivo de Deus, para o qual, no entanto, seria necessária, como pré-condição, a ascese moral- a purificação da alma pela virtude.”⁷⁴

Para Clemente, Deus criou o mundo do nada, da total escuridão e carente de vida, e o fez graças a sua incalculável generosidade, e quis compartilhar a sua bondade e criação

⁷² SILVEIRA, Sidney- “Apresentação: A pedagogia do logos divino”. In. ALEXANDRIA, Clemente. “Exortação aos Gregos”. Realizações Editoras, São Paulo, 2013. p.: 07.

⁷³ “(...) ou as sete artes liberais formou no homem novos valores, as virtudes cristãs mediante uma cultura fundamentalmente helênica. ‘Durante a Idade Média, o ensino tornou-se quase o monopólio dos mosteiros. As crianças aí aprendiam a ler, a escrever e a entoar salmos. O saltério era o primeiro livro de leitura. Os nobres podiam dispensar aos filhos a instrução proporcionada por um clérigo. As escolas monásticas do Ocidente surgiram antes do ano 500, e atingiram o ápice da sua influência à volta do ano 1100. O ensino monástico abrangia a instrução elementar, as sete artes liberais e a Sagrada Escritura. Quanto à primeira, dela se incumbiam, também, as escolas paroquiais que se desenvolveram primeiro na Itália, desde que desapareceram as escolas leigas e se difundiram pela Gália e Espanha e depois através do Império Carolíngio. A escola paroquial foi o início da escola popular ou primária na Europa.’”. NUNES, Ruy Afonso da Costa. Evolução da Instituição Escolar. In: MENESES, João Gualberto de Carvalho; MARTELLI, Anita Fávoro. Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: leituras.2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2001, p.39 apud. PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. “Santo Agostinho, o teórico da Igreja na Idade Média.” p.2/3. Disponível em < <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1272.pdf> > Acessado em 27/12/2017.

⁷⁴ CAMELOT, Pierre Thomas. “Introduction à la l’Étude de la Connaissance Mystique chez Clément d’Alexandrie. Paris, Éditions du Cerf, 1945, p.28-30. Apud SILVEIRA, Sidney- “Apresentação: A pedagogia do logos divino”. In. ALEXANDRIA, Clemente. “Exortação aos Gregos”. São Paulo: Realizações Editoras, 2013. p.: 09.

estendendo-se a outros seres. Desse ponto de vista, como somente Deus é perfeito em si, toda a sua criação, não o é; o cosmos seria essa cópia fraca, deficiente da verdadeira realidade.⁷⁵

Essa deficiência não denota que todas as criaturas são imperfeitas, mas que existe uma hierarquia entre os seres, sendo que Deus encontra-se no topo, seguido por anjos, humanos, animais, plantas, pedras até o princípio, a matéria não formada, carente de realidade, bondade e espiritualidade, a mais privada dos seres, vazia, e, potencialmente, mais má.⁷⁶

A construção da ideia de Mal e do Diabo de Clemente é feita pela sua tese do livre arbítrio que influencia muito Orígenes. O alexandrino afirma que se o Diabo é criação de Deus, então foi criado dentro de Sua bondade e amor, e por vontade própria tornou-se mal. A ideia da maldade em Clemente seria esse uso indevido e consciente do livre arbítrio, a liberdade é a grande causa do Mal. Essa filosofia baseada na ideia de livre-arbítrio e essa defesa de uma gnose cristã, causaram à Clemente de Alexandria a perda do título de cânone da Igreja, decisão tomada pelo Papa Bento XIV em 1748, e a partir disso deixa de ser considerado santo.

Sua obra *Protrépticos*, traduzida para *Exortação aos Gregos*, é incluída num estilo literário antigo –do qual Aristóteles foi um de seus mais famosos autores da antiguidade clássica- que é o do gênero do discurso epidítico. “O discurso da exortação era um gênero literário familiar [para os helenos], normalmente era utilizado nos estudos sobre filosofia (...). Ao usar este título, Clemente estava ciente do seu apelo [para o público que estava se dirigindo].”⁷⁷ No caso da obra do teólogo, a exortação reflete um caráter religioso cristão com propósito de fazer um convite ao gentio para a conversão na verdadeira fé e uma recusa as crenças do senso comum:

[na obra] os deuses e mitos gregos são contrapostos à verdade evangélica, e, neste contexto, cumpre dizer que Clemente os reduz de quimeras sem sentido, crendices nefastas, superstições malévolas que desgovernam a imaginação dos homens e os induzem à concupiscência, à perdição.⁷⁸

⁷⁵ ESTEVES, Germano Miguel Favaro – Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia. In: Revista História Franca UNESP vol. 35. 2016. p.13/14

⁷⁶ Ibidem. p.14

⁷⁷ FERGUSON, John. “Chapter 2: The Exhortation to the Greeks”. In: “Clement of Alexandria”. New York: Twayne Publishers, 1974. p.44

⁷⁸ SILVEIRA, Sidney- “Apresentação: A pedagogia do logos divino”. In. ALEXANDRIA, Clemente. “Exortação aos Gregos”. São Paulo: Realizações Editoras, 2013. p.:12

Clemente de Alexandria, no conjunto de sua obra, é o responsável pela abertura intelectual, mesmo que de maneira crítica, à tradição cultural clássica e pela integralização da revelação cristã nela. Defensor da gnose cristã, é considerado herético ainda em seu tempo por teólogos que insistiam que a tendência gnóstica seguia um raciocínio inverso à verdadeira Palavra de Deus.⁷⁹

⁷⁹ MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Gnósticos” e “Clemente”. In: “Manual da literatura Cristã antiga grega e latina”. São Paulo: Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. 2005. p.:95/156

III

Demolição

“A demolição dos mitos e dos mistérios gregos” é, talvez, o capítulo mais agressivo e irreverente da obra completa “Exortação aos gregos” de Clemente de Alexandria. É dividido em trinta seções que discutem tópicos que o autor deseja expor sobre o paganismo helênico, seja um mistério ou um ritual. “Refutar a inconsistência do politeísmo greco-romano já era uma prática filosófica”⁸⁰; sendo assim, o fato da obra pertencer ao final do século II pode não soar tão peculiar. Entretanto, é neste período que a perseguição aos cristãos pelos pagãos no Império Romano se inicia de forma mais agressiva a partir da política de Sétimo Severo (146-211); por essa razão desperta-se a curiosidade sobre a escolha que o teólogo tomou ao fazer uma abordagem tão minuciosa e desafiadora em relação aos mitos e mistérios gregos -dos quais demonstra grande conhecimento- sendo que o momento para isso não o favorecia. Clemente, justamente por manobrar com cautela a forma que descreve cada mistério, deliberadamente manipula o seu leitor ao correlacionar eventuais palavras, conceitos, ou costumes daquilo que está descrevendo, com aspectos do Mal pertencentes à uma tradição hebraica ou a valores recentes da tradição cristã. As Bacantes, por exemplo, choram em êxtase a palavra “Evoé!” e Clemente associa-a com o nome de Eva, a quem afirma ser a palavra que originou o conceito de serpente.⁸¹

A Dioniso enlouquecido celebram os bacantes com a homofagia, arrebatados pelo delírio sagrado, fazem a partilha ritual da carne das vítimas sacrificiais, coroados de serpentes, euforicamente gritando o nome de Eva, esta mesma Evá [*Evoé*] que introduziu o erro; e o sinal das orgias báquicas é uma serpente sagrada. Agora, ou seja, segundo a precisão da língua dos hebreus, o nome *Hévia*, aspirado, significa ‘serpente fêmea’. Deo e Core tornaram-se assunto de drama místico, e Elêusis celebra com tochas, em memória delas, a errância, o rapto e o luto.⁸²

⁸⁰ SANTOS, Rita Codá dos. “Capítulo 3: O protréptico de Clemente de Alexandria- a refutação ao politeísmo e suas práticas”. In: “Exortação aos gregos: a helenização do Cristianismo em Clemente de Alexandria”. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2006. p.59

⁸¹ FERGUSON, John. “Chapter 2: The Exhortation to the Greeks”. In: “Clement of Alexandria”. New York: Twayne Publishers, 1974. p.47/48.

⁸² “Διόνυσον μαινόλην ὀργιάζουσι Βάκχοι ὁμοφαγία τὴν ἱερομανίαν ἄγοντες καὶ τελίσκουσι τὰς κρεονομίας τῶν φόνων ἀνεστεμμένοι τοῖς ὄφεσιν, ἐπολολύζοντες Εὐάν, Εὐάν ἐκείνην, δι’ ἣν ἡ πλάνη παρηκολούθησεν· καὶ σημεῖον ὀργίων βακχικῶν ὄφιν ἐστὶ τετελεσμένος. Αὐτίκα γοῦν κατὰ τὴν ἀκριβῆ τῶν Ἑβραίων φωνὴν ὄνομα τὸ Ἐυια Ερευνητικὸ ἔργο: ΔΡΟΜΟΙ ΤΗΣ ΠΙΣΤΗΣ – ΨΗΦΙΑΚΗ ΠΑΤΡΟΛΟΓΙΑ.Χρηματοδότηση: ΚΠ Εργαστήριο Διαχείρισης Πολιτισμικής Κληρονομιάς,Πανεπιστήμιο Αιγαίου, Τμήμα Πολιτισμικής Τεχνολογίας και Επικοινωνίας, Επιτρέπεται η ελεύθερη χρήση του υλικού με

Os mistérios no mundo pagão eram grupos, de certa exclusividade, que reproduziam os mitos em rituais de adoração ou celebração. Afim de admitir novos membros, se iniciava um longo período de “testes” para admissão. Cada novo candidato deveria manter em segredo o seu processo, o que na maioria das vezes falhava, pois a tradição colocava o indivíduo em sérios perigos⁸³, causando a sua exposição.

É a partir dos escritos cristãos que se conhecem as doutrinas secretas. A iniciação possuía diversos graus e passava por provas de diversos gêneros. Era comum, no final da época imperial, pessoas se iniciarem em vários mistérios e viver em harmonia com todos eles.⁸⁴

Os mistérios são a principal causa do ataque apologista ao paganismo e sua concepção politeísta de religião; tendo em vista que sua doutrina era administrada por meio de uma gnose fundada “na revelação, na predicação mística e não sobre a razão, por meio de alegorias sacras, veículos de teorias inacessíveis aos profanos; era mister esvaziá-los para provê-los de um novo conteúdo.”⁸⁵

Clemente, ao longo da narrativa dessa segunda parte da “Exortação”, se apresenta um tanto emocional e confuso ao mesmo tempo que parece estar pautado por uma agenda própria: pois possui o conhecimento dos mitos, de seus mistérios e rituais mas os subverte conforme uma nova lógica que condiz com a moral cristã. Primeiro começa a descrever os mistérios, principalmente os de Dioniso e Deméter, sempre relacionando a figura de Zeus como o grande engendrador de todo esse caótico discurso pagão. Procurando entender sua linha de raciocínio, podemos perceber cinco abordagens que o autor escolhe para desclassificar o panteão grego. Nas primeiras seções parece que o teólogo procura causar choque ao leitor expondo a violência, a luxúria, a homofagia com que os mitos são apresentados e como eles se repercutem através dos rituais de adoração e celebração. Logo após querer causar espanto, procura ridicularizar os pagãos apresentando pontos que considera passíveis de sátira; zomba dos objetos sagrados dos mistérios, considerando seus adoradores meros indivíduos supersticiosos e burros por não perceberem o quão absurdo é a

αναφορά στην πηγή προέλευσής του. δασυνόμενον ἐρμηνεύεται ὄφρις ἢ θήλεια: Δηῶ δὲ καὶ Κόρη δρᾶμα ἤδη ἐγενέσθην μυστικόν, καὶ τὴν πλάνην καὶ τὴν ἀρπαγὴν καὶ τὸ πένθος αὐταῖν Ἐλευσίσις δαδουχεῖ. 2.13.1 Καὶ μοι δοκεῖ τὰ ὄργια καὶ τὰ μυστήρια δεῖν ἐτυμο λογεῖν, τὰ μὲν ἀπὸ τῆς ὀργῆς τῆς Διοῦς τῆς πρὸς Δία γεγενημένης, τὰ δὲ ἀπὸ τοῦ μύσου τοῦ συμβεβηκότος περὶ τὸν” ALEXANDRIA, Clemente. II, 12.2 “Capítulo II: Demolição dos mistérios e dos mitos gregos”. In: *Exortação aos Gregos*. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. São Paulo: Realizações Editora, 2013. p.41

⁸³ Ibidem. p.59. Nota 123.

⁸⁴ Ibidem. p.59. Nota 123.

⁸⁵ Ibidem. p. 60.

lógica da crença pagã. Então, passa a acusar os deuses de serem grandes charlatões e impostores- que precisam enganar o indivíduo para se sustentarem como entidade. Enfim, os diminui a meros seres humanos, que através da boca e do ouvido dos humanos tornaram-se deuses com o passar dos séculos; são contudo apenas reflexos da fragilidade humana e de sua ambição. É só então, ao chegar ao patamar de um mero mortal que o autor finalmente conclui que estes seres na verdade são demônios, são piores do que mortais, são o reflexo corpóreo do abominável, do maléfico.

3.1 – Primeiro desperta o horror.

No início de seu texto de demolição, Clemente ordena ao seu leitor não se ocupar de “santuários ímpios”⁸⁶, onde “histórias inverossímeis”⁸⁷ são contadas. Pede que “abandonai os velhos mitos”⁸⁸, que como o “tronco velho de uma árvore de carvalho”⁸⁹, se deterioram com o tempo. Seu primeiro alvo são os oráculos, a quem culpa pela disseminação de tal crença. Observa os oráculos de Zeus e os de Delfos para afirmar que nada mais são que recipientes de delírios, de inventividade. De acordo com Rita Codá dos Santos, Clemente define os oráculos como fruto da insanidade de indivíduos que “com seus mananciais proféticos não passam de ilusões diante do Verbo de Deus encarnado e seu cântico novo”⁹⁰. Em sua segunda seção já anuncia:

Que tal se eu te enumerasse os mistérios? Não parodiarei, pois, como dizem de Alcebíades, mas revelarei clara e belamente, segundo o discurso da verdade, aquela charlatanice escondida neles, e aqueles que são chamados, por vós, de deuses, com suas iniciações místicas; tal como sobre o palco da vida, eu os farei aparecer aos espectadores da verdade.⁹¹

⁸⁶ ALEXANDRIA, Clemente de – II, 11.1 “Capítulo II: A demolição dos mistérios e dos mitos gregos” In: *Exortação aos Gregos*. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. Ed: Realizações Editora, São Paulo, 2013. p.39.

⁸⁷ Ibidem. II, 11.1. p. 39

⁸⁸ Idem.Ibidem.

⁸⁹ Idem.Ibidem.

⁹⁰ SANTOS, Rita Codá dos. “Capítulo 3: O protréptico de Clemente de Alexandria- a refutação ao politeísmo e suas práticas”. In: “Exortação aos gregos: a helenização do Cristianismo em Clemente de Alexandria”. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2006. p.60.

⁹¹ “Τί δ' εἴ σοι καταλέγοιμι τὰ μυστήρια; οὐκ ἐξορχήσομαι μὲν, ὥσπερ Ἀλκιβιάδην λέγουσιν, ἀπογυμνώσω δὲ εὖ μάλα ἀνὰ τὸν τῆς ἀληθείας λόγον τὴν γοητείαν τὴν ἐγκεκρυμμένην αὐτοῖς καὶ αὐτοὺς γε τοὺς καλουμένους ὑμῶν θεούς, ὧν αἱ τελεταὶ μυστικάι, οἷον ἐπὶ σκινηῆς τοῦ βίου τοῖς τῆς ἀληθείας ἐγκυκλήσω θεαταῖς.” ALEXANDRIA, Clemente de – II, 12.1 “Capítulo II: A demolição dos mistérios e dos mitos gregos” In: *Exortação aos Gregos*. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. Ed: Realizações Editora, São Paulo, 2013. p. 41

Ao iniciar os mistérios, Clemente já expõe sua intenção de provar a falsidade dos mitos gregos; a princípio, apenas apresentando aspectos desconexos e incoerentes de sua tradição. Atacando primeiramente os oráculos, o autor então expressa sua desaprovação à tradição que envolve despedaçar e devorar animais vivos -costume que é o clímax dos mistérios de Dioniso e de Core, entre outros - todos celebrações dos mistérios de Elêusis, que naquele período eram muito populares em Atenas e nas regiões que a tangenciavam. Este ataque é percebido, principalmente, pela forma com que narra as tradições pagãs.

Após remeter as bacantes à personificação de Eva no Antigo Testamento, Clemente propõe “estabelecer a etimologia das palavras *órgia* e *mysterion*”⁹² que afirma terem sua origem a partir da cólera de Deméter (Deo). “Clemente utiliza do nome de Deméter, literalmente Mãe-Terra, mas para ele Mãe-Deo, para plantar a ideia de que Zeus estava mantendo relações sexuais com sua própria mãe.”⁹³

Os mistérios de Deo não são outra coisa senão a união amorosa de Zeus com sua mãe Deméter, a ira (eu não sei o que dizer: sua mãe ou sua mulher?), digamos, de Deo, a quem se atribui o nome de Brimo, pelas súplicas de Zeus, a taça de fel, a extração do coração e a ação abominável. Os frígios realizam esses ritos em honra a Átis, de Cibele e dos Coribantes.⁹⁴

Após fortemente afimar uma relação incestuosa entre Zeus e, quem considera a mãe deste, Deméter, Clemente narra que na verdade tal relação apenas se deu pela corrupção do deus, que acaba gerando uma filha do estupro de sua mãe, a quem também corrompe. O teólogo, ao discorrer sobre o mistério, envolve o antropozoomorfismo da entidade para concretizar a caracterização que o divino pagão é um ser abominável e está em ligação direta com a constituição maligna cristã. Pois, ao apresentar o estado antropozoomórfico de Zeus, a quem afirma se transformar em um dragão (*δράκοντος*), que pode ser também traduzido por serpente, Clemente consegue desenvolver um relato onde a sexualidade e a imoralidade se confundem e estabelecem uma figura repugnante para o gentio.

⁹² “Καί μοι δοκεῖ τὰ ὄργια καὶ τὰ μυστήρια δεῖν ἔτυμο λογεῖν, τὰ μὲν ἀπὸ τῆς ὀργῆς τῆς Διουὸς τῆς πρὸς Δία γεγεννημένης” II, 13.1 Ibidem. p. 41.

⁹³ “Clemente uses the name of Demeter, literally Earth-Mother, but to him Mother Deo, to play on the idea of Zeus having intercourse with his mother.” FERGUSON, John. “Chapter 2: The Exhortation to the Greeks”. In: “Clement of Alexandria”. Twayne Publishers, New York, 1974. p.48.

⁹⁴ “Διουὸς δὲ μυστήρια καὶ Διὸς πρὸς μητέρα Δήμητρα ἀφροδίσιοι συμπλοκαὶ καὶ μῆνις (οὐκ οἶδ’ ὅ τι φῶ λοιπὸν μητρὸς ἢ γυναικὸς) τῆς Διουὸς, ἧς δὴ χάριν Βριμῶ προσαγορευθῆναι λέγεται, ἱκετηρία Διὸς καὶ πόμα χολῆς καὶ καρδιουλκία καὶ ἀρρητουργία· ταῦτ’ αἱ Φρύγες τελίσ” ALEXANDRIA, Clemente de – II, 15.1 “Capítulo II: A demolição dos mistérios e dos mitos gregos” In: *Exortação aos Gregos*. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. Ed: Realizações Editora, São Paulo, 2013. p. 43.

Que tal se eu continuasse o relato? Deméter, por seu turno, dá a luz; Core cresce, Zeus une-se, novamente e, desta vez, com Feréfata, ‘a engendrada por ele, sua própria filha, depois de ter feito o mesmo com a sua mãe Deméter, esquecido do primeiro crime; Zeus, pai e corruptor da menina, uniu-se a ela transformado em dragão, dando demonstração do que ele era.’⁹⁵

Após então colocar a figura de Zeus como grande corruptor, são apresentados ao leitor os Mistérios de Dioniso, com os quais Clemente se mostra estarecido pelo seu nível de crueldade e violência. Os mistérios de Dioniso envolvem rituais dramáticos de sacrifício, onde uma série de elementos compõe o procedimento, os quais o autor não considera supérfluo: “Também não é inútil apresentar-vos, para vossa condenação, os símbolos inúteis dessa cerimônia de iniciação: um pequeno osso, uma esfera, um pão, maçãs, uma roda, um espelho, um floco de lã”.⁹⁶ Na versão do teólogo, o relato se estende a uma criança, fruto de Feréfata, que nasce tauriforme, e por ciúmes de Deméter, é enganada pelo Titãs, que a esquartejam. Atena resgata o coração do infante e o leva para Zeus, que acaba castigando os Titãs pelo feito. Após o relato do mistério de Dioniso, Clemente com sarcasmo diz:

Se queres, revelo-te, também, as orgias dos Coribantes que, tendo matado um terceiro irmão, cobriram a cabeça do cadáver com um manto púrpura e a coroaram, em seguida puseram-na sobre um escudo de bronze e a enterraram ao pé do monte Olimpo (e são estes os mistérios, para dizer resumidamente: assassinatos e funerais).⁹⁷

Procurando causar um primeiro impacto no seu processo de demolição dos mistérios e mitos, Clemente apela pelo caráter do horror, de causar a repulsa ao leitor com os detalhes sensoriais com os quais descreve e desqualifica as tradições pagãs. Feito o primeiro anúncio de sua argumentação, o alexandrino então se dirige ao seu objeto com ironia e o tenta desqualificar satirizando-o.

3.2 – A sátira que deslegitima

⁹⁵ “Τί δ' εἶ καὶ τὰ ἐπίλοιπα προσθεῖν; Κυεῖ μὲν ἡ Δημήτηρ, ἀνατρέφεται δὲ ἡ Κόρη, μίγνυται δ' αὖθις ὁ γεννήσας οὐτοσί Ζεὺς τῇ Φερεφάττῃ, τῇ ἰδίᾳ θυγατρὶ, μετὰ τὴν μητέρα τὴν Δηῶ, ἐκλαθόμενος τοῦ προτέρου μύσους, πατὴρ καὶ φθορεὺς κόρης ὁ Ζεὺς, καὶ μίγνυται δράκων” II, 16.1 Ibidem. p.45.

⁹⁶ “Καὶ τῆσδε ὑμῖν τῆς τελετῆς τὰ ἀχρεῖα σύμβολα οὐκ ἀχρεῖον εἰς κατάγνωσιν παραθέσθαι· ἀστράγαλος, σφαῖρα, στρόβιλος, μῆλα, ῥόμβος, ἔσοπτρον, πόκος. Ἀθηνᾶ μὲν οὖν τὴν καρδίαν τοῦ Διονύσου ὑφελομένη Παλλὰς ἐκ τοῦ πάλλειν τὴν καρδίαν προσηγορεύθη· οἱ δὲ Τιτᾶνες, οἱ καὶ διασπᾶσαντες αὐτόν, λέβητά τινά τριποδι ἐπιθέντες καὶ τοῦ Διονύσου ἐμβάλοντες τὰ μέλη, καθήψουν πρότερον· ἔπειτα ὀβελίσκοις” II, 18.1 Ibidem. p.47.

⁹⁷ “Εἰ θέλεις δ' ἐποπτεῦσαι καὶ Κορυβάντων ὄργια, τὸν τρίτον ἀδελφὸν ἀποκτείναντες οὗτοι τὴν κεφαλὴν τοῦ νεκροῦ φοινικίδι ἐπεκαλυψάτην καὶ καταστέψαντε ἑθαπάτην, φέροντες ἐπὶ χαλκῆς ἀσπίδος ὑπὸ τὰς ὑπωρείας τοῦ Ὀλύμπου” II, 19.1 Ibidem. p.47.

Os atenienses ganham destaque neste tópico, pois as seções com maior tom de sarcasmo e humor por parte do autor discorrem sobre os mistérios de Elêusis, que desenvolve-se principalmente na Ática. Clemente afirma sentir vergonha dos atenienses por seguirem tais rituais e comemorações, pois até os “bárbaros tirrênios” não se deixariam levar por constrangedora paixão⁹⁸. Narra como os cidadãos helenos ainda prestam homenagem e sacrifícios aos mistérios de Deméter, os quais contem a deusa, à procura de sua filha Core, em desespero senta-se perto de um poço. Então Baubo, acolhe Deméter e , oferece a ela o *cíceon*- uma bebida que é mistura de farinha, água e uma espécie de erva- mas a deusa o recusa, Baubo acaba ficando aflita com a recusa de Deméter, e se sentindo rejeitada, levanta suas próprias vestes e lhe mostra suas partes íntimas. Tal ato desperta diversão em Deméter que aceita o líquido. Clemente em total estado de indignação, se recusa a acreditar que os atenienses ainda celebram tal mistério obscuro:

São estes, pois, os mistérios dos atenienses! Orfeu vos descreve tudo isso. E eu vou citarei os próprios versos do Cantor da Trácia, para que tenhais o *mistagogo* como testemunha dessa indecência. (...) Eis as palavras do passe, o sinal secreto, dos mistérios de Elêusis: ‘Eu jejei, bebi o cíceon, retirei de dentro da corbelha, após tê-lo manipulado, repus no vaso, e do vaso para a corbelha.’ Belo espetáculo, pois, e conveniente a uma deusa!⁹⁹

Após caçoar de Deméter, Clemente levanta a questão da noite e o do fogo como ambientes tradicionais para exercer tais rituais, afirmando que nada mais são que ilusões para criar o espectro de especial. Afirma que esses “mistérios do dragão”¹⁰⁰, como se dirige à Elêusis, nada mais são que uma prática religiosa de falsa piedade, onde suas iniciações são “verdadeiramente profanas”¹⁰¹. Satiriza então os objetos sagrados dos mistérios:

(...) É preciso desmascarar a ‘sacralidade’ dessas coisas e proclamar as coisas secretas. Há outras coisas além de bolos de sésamo, mel e farinha; bolos em forma de pirâmide e com pequenas bolas, grãos de sal e serpente, símbolo-ritual de Dioniso Bássaro? Há outras coisas

⁹⁸ II, 20.1 Ibidem

⁹⁹ “ποτόν, ἡσθεῖσα τῷ θεάματι. Ταῦτ' ἔστι τὰ κρύφια τῶν Ἀθηναίων μυστήρια. Ταῦτά τοι καὶ Ὀρφεὺς ἀναγράφει. Παραθήσομαι δέ σοι αὐτὰ τοῦ Ὀρφέως τὰ ἔπη, ἵν' ἔχῃς μάρτυρα τῆς ἀναισχυντίας τὸν μυσταγωγόν· ὡς εἰποῦσα πέπλους ἀνεσύρατο, δεῖξε δὲ πάντα σώματος οὐδὲ πρέποντα τύπον· παῖς δ' ἦεν Ἴακχος, χειρὶ τέ μιν ῥίπτασκε γελῶν Βαυβοῦς ὑπὸ κόλποις· ἢ δ' ἐπεὶ οὖν μείδησε θεά, μείδησ' ἐνὶ θυμῷ, δέξατο δ' αἰόλον ἄγγος, ἐν ᾧ κυκεῶν ἐνέκειτο. (...) Κἄστι τὸ σύνθημα Ἐλευσινίων μυστηρίων· "ἐνήστευσα, ἐπιὸν τὸν κυκεῶνα, ἔλαβον ἐκ κίστης, ἐργασάμενος ἀπεθέμην εἰς κάλαθον καὶ ἐκ καλάθου εἰς κίστην." Καλὰ γε τὰ θεάματα καὶ θεῶν πρέποντα.” II, 21.1, II, 21.2 Ibidem. p.49/50.

¹⁰⁰ II, 22.3 Ibidem. p.51

¹⁰¹ Idem. Ibidem.

além de grãos de romã, ramos de figueira, pães de férula, hera, bolos e pastéis redondos? Esses são os objetos sagrados deles!¹⁰²

Neste processo de desclassificação, o teólogo ainda cita os símbolos secretos de Têmis, que se estendem de ervas à uma espada, fazendo referência as partes sexuais da mulher. Clemente então declara o despudor que são tais mistérios e como suas representações ritualísticas não passam de elementos estúpidos e imundos e lamenta a época em que a noite nada mais era que o silêncio dos homens sensatos, e que naquele momento apenas acobertava as práticas do fogo compostas pela paixão imoral: “Ó impudícia declarada! Antigamente, a noite silenciosa era o véu da volúpia para os homens sensatos; agora, a noite é reveladora das práticas de intemperança dos iniciados, e o fogo das tochas revela as paixões.”¹⁰³ Critica a figura do sacerdote – *hierofante*- alertando que o fogo o revela em sua adoração; o fogo então passa a ser este símbolo de denúncia dos mistérios durante a noite grega. Cria um novo significado para ele, ao ser utilizado para “reverenciar as trevas”¹⁰⁴, o sentencia como elemento da punição: “O fogo não dissimula, ele recebe a ordem de acusar e de castigar”¹⁰⁵, é através do fogo que se reconhece os adoradores e executores dos mistérios na noite, então será pelo fogo que serão castigados.

Em seguida, Clemente desclassifica os pagãos como indivíduos ligados a religiosidade, os chamando de ateus, por ignorarem o verdadeiro deus:

(...)venerando despudoradamente uma criança despedaçada pelos titãs, uma mulher desesperada e as partes verdadeiramente proibidas, pelo pudor, de ser mencionadas; possessos por uma dupla impiedade: a primeira é a que os faz ignorar Deus, não reconhecendo como Deus aquele que verdadeiramente o é; a outra, a segunda, é este erro de atribuir existência àqueles que não a têm, chamando de deuses aqueles que, em realidade, não o são, ou mesmo nunca existiram, pois tão somente obtiveram um nome!¹⁰⁶

¹⁰² “γιάστους τελετὰς εὐσεβείᾳ νόθῳ προστρεπομένων. Οἷαι δὲ καὶ αἱ κίσται μυστικάι· δεῖ γὰρ ἀπογυμῶσαι τὰ ἅγια αὐτῶν καὶ τὰ ἄρρητα ἐξεῖπειν. Οὐ σησαμαῖ ταῦτα καὶ πυραμίδες καὶ τολύπαι καὶ πόπανα πολυόμφαλα χόνδροι τε ἁλῶν καὶ δράκων, ὄργιον Διονύσου Βασσάρου; Οὐχὶ δὲ ῥοιαὶ πρὸς τοῖσδε καὶ κράδαι νάρθηκές τε καὶ κιτοί, πρὸς δὲ καὶ φθοῖς καὶ μήκωνες; Ταῦτ' ἔστιν αὐτῶν τὰ ἅγια.” II, 22.4 Ibidem. p. 51

¹⁰³ “κῶς εἰπεῖν μόριον γυναικεῖον. Ὡς τῆς ἐμφανοῦς ἀναισχυντίας. Πάλαι μὲν ἄνθρωποις σωφρονοῦσιν ἐπικάλυμμα ἡδονῆς νύξ ἦν σιωπῶμένη· νυνὶ δὲ τοῖς μουυμένοις πείρα τῆς ἀκρασίας νύξ ἔστι λαλουμένη, καὶ τὸ πῦρ ἐλέγχει τὰ πάθη δαδουχοῦ.” II, 22.6 Ibidem. p.51

¹⁰⁴ II, 22.7 Ibidem. p.53

¹⁰⁵ “ἐλέγχειν καὶ κολάζειν κελεύεται” II, 22.7 Ibidem. p.53

¹⁰⁶ “Ταῦτα τῶν ἀθέων τὰ μυστήρια· ἀθέους δὲ εἰκότως ἀποκαλῶ τούτους, οἱ τὸν μὲν ὄντως ὄντα θεὸν ἠγνοήκασιν, παιδίον δὲ ὑπὸ Τιτάνων διασπώμενον καὶ γύναιον πενθοῦν καὶ μόρια ἄρρητα ὡς ἀληθῶς ὑπ' αἰσχύνῃς ἀναισχύντως σέβουσιν, διττῇ ἐνεσχημένοι τῇ ἀθεότητι, προτέρᾳ μὲν, καθ' ἣν ἀγνοοῦσι τὸν θεόν, τὸν ὄντα ὄντως μὴ γνωρίζοντες θεόν, ἐτέρᾳ δὲ καὶ δευτέρᾳ ταύτῃ πλάνῃ τοὺς οὐκ ὄντας ὡς ὄντας νομίζοντες καὶ θεοὺς τούτους ὀνομάζοντες τοὺς οὐκ ὄντως ὄντας, μᾶλλον δὲ οὐδὲ ὄντας, μόνου δὲ τοῦ ὀνόματος τετυχη” II, 23.1 Ibidem.p.53

Clemente então passa da sátira para a negação da existência das entidades que ataca, argumentando que suas histórias nada mais são que truques para alimentar a superstição do indivíduo desolado que ainda não conheceu o verdadeiro Deus. Afirma que há dois extremos na ignorância: a impiedade e a superstição e por elas é que má intenções e palavras enganosas ganham espaço e força.

3.3 – Panteão, este grande antro de charlatões

Ao trabalhar com a ideia do pagão como sendo na verdade um ateu, no sentido de sem-deus, que não entrou em contato com o verdadeiro poder divino, pois esteve ludibriado pelas falsas palavras das entidades pagãs, Clemente os relaciona com os filhos de prostitutas que estão sempre à busca do verdadeiro pai, e que são privados da força fecunda de deus:“(…) concepções erradas, desviadas do caminho certo e, verdadeiramente funestas, afastaram ‘a planta celeste’, o homem, de uma conduta celeste e o subjugarão sobre a terra, persuadindo-o a se prender às criaturas terrestres.”¹⁰⁷ É então que instrui o gentio em sete maneiras que os deuses aplicam sua charlatanice – como chama- aos indivíduos desprovidos da palavra cristã. Nesse rápido manual das farsas divinas, Clemente discorre sobre a divinização dos astros, dos elementos da natureza, da fortuna, da personificação de sensações humanas, e da ideia do heroísmo como benevolência.

O primeiro traço que o autor nos apresenta para reconhecer o processo de enganação que o paganismo greco-romano aplica aos gentios é perceber a relação que impõe com o céu:

Uns, em verdade, convencidos por todos os lados, na sua contemplação do céu, e acreditando apenas no que seus olhos veem, apressam-se em perseguir, extasiados, os movimentos dos astros e a diviniza-los; estes chamam os astros de *théos* (deus), da palavra *theîn*(divinizar), e adoram o sol, como os indianos, e a lua, como os frígios.¹⁰⁸

Em seguida, fala do elemento divino dos frutos que são relacionados a divindades e tem um papel de extrema importância em ostentar a simbologia dos mitos: “Os outros, que colhem, dentre as plantas nascidas da terra, os frutos cultivados, denominam o trigo Deo,

¹⁰⁷ “καὶ ὅσα ἄλλα τοιαῦτα ποιητῶν ἄδουσι παῖδες. Ἐννοιοὶ δὲ ἡμαρτημένοι καὶ παρηγμένοι τῆς εὐθείας, ὀλέθρια ὡς ἀληθῶς, τὸ "οὐράνιον φυτὸν", τὸν ἄνθρωπον, οὐρανίου ἐξέτρεψαν διαίτης καὶ ἐξετάνουσαν ἐπὶ γῆς, γῆνιοις προσα νέχειν ἀναπείσασαι πλάσμασιν.” II, 25.4 Ibidem. p.55

¹⁰⁸ “Οἱ μὲν γὰρ εὐθέως ἀμφὶ τὴν οὐρανοῦ θεῶν ἀπατώ μενοι καὶ ὄψει μόνῃ πεπιστευκότες τῶν ἀστέρων τὰς κινήσεις ἐπιθεώμενοι ἐθαύμασάν τε καὶ ἐξεθείασαν, θεοὺς ἐκ τοῦ θεῖν ὀνομάσαντες τοὺς ἀστέρας, καὶ προσεκύνησαν ἥλιον, ὡς” II, 26.1 Ibidem. p.57

como os atenienses; a uva, Dioniso, como os tebanos.”¹⁰⁹ Afirma que em outros momentos, os pagãos helênicos relacionam “as recompensas dos vícios”¹¹⁰ como uma graça dada pelos deuses, vinculadas a sorte, a fortuna. O quarto tópico para identificar a charlatanice que essas entidades desenvolveram através da interpretação filosófica feitas delas, encontra-se na antropomorfização de sentimentos e ideias:

E agora, alguns dentre os filósofos, seguindo os passos dos poetas, transformam em ídolos suas próprias paixões: personificam o Medo, o Amor, a Alegria e a Esperança, assim como o velho Epimênides edificou altares, em Atenas, à Arrogância e a Impudicícia. (...) Outras ideias, movidas pelas mesmas circunstâncias, são deificadas pelos homens e ganham aparência antropomórfica tais como: Dice, Cloto, Láqueisis, Átropos, Himármene, Auxo e Talo, as divindades áticas.¹¹¹

A sexta maneira para compreender a “charlatanice criadora de deuses”¹¹², de acordo com Clemente, é enumerar os doze deuses que são introduzidos por Hesíodo, na Teogonia, e por Homero, em seus versos, talvez com o propósito de perceber inconsistências em ambos poemas. Por último, o teólogo afirma que é possível perceber o charlatanismo ao tentar compreender o ato de benevolência por parte das entidades pagãs; os grandes deuses heróis do panteão helênico, tais como Dioscuro, Hércules e Asclépio, seriam na verdade uma invenção, e que suas graças e atos de benevolência viriam do verdadeiro Deus.¹¹³

Após catalogar essas sete maneiras de flagrar as enganações que os adoradores das entidades pagãs formulavam para si, e como percebê-las para não só evitá-las mas também combatê-las, Clemente apresenta o contraponto com a divindade cristã, a quem se dirige como verdadeira provedora de um poder único e divino, para isso, procurando de uma vez por todas desmascarar as inverdades pagãs, as apresenta como meras figuras das paixões humanas, desprovidas de misericórdia e deificação.

3.4- O que pior do que meros mortais?

¹⁰⁹ “Ἰνδοί, καὶ σελήνην, ὡς Φρύγες· οἱ δὲ τῶν ἐκ γῆς φουομένων τοὺς ἡμέρους δρεπόμενοι καρποὺς Δηῶ τὸν σῖτον, ὡς Ἀθηναῖοι, καὶ Διόνυσον τὴν ἄμπελον, ὡς Θηβαῖοι, προση” II, 26.2 Ibidem. p.57

¹¹⁰ II, 26.3 Ibidem. p.57

¹¹¹ “οἱ ἀμφὶ τὴν σκηνὴν ποιηταί. Φιλοσόφων δὲ ἤδη τινὲς καὶ αὐτοὶ μετὰ τοὺς ποιητικούς τῶν ἐν ὑμῖν παθῶν ἀνειδωλο ποιοῦσι τύπους τὸν Φόβον καὶ τὸν Ἔρωτα καὶ τὴν Χαρὰν καὶ τὴν Ἐλπίδα, ὥσπερ ἀμέλει καὶ Ἐπιμενίδης ὁ παλαιὸς Ὑβρεως καὶ Ἀναιδείας Ἀθήνησιν ἀναστήσας βωμοὺς· οἷδὲ ἐξ αὐτῶν ὀρμώμενοι τῶν πραγμάτων ἐκθεοῦνται τοῖς ἀνθρώποις καὶ σωματικῶς ἀναπλάττονται, Δίκη τις καὶ Κλωθὴ καὶ Λάχεσις καὶ Ἄτροπος καὶ Εἰμαρμένη, Ἀἰξίω” II, 26.4 II, 26.5 Ibidem.p.57.

¹¹² II, 26.6 Ibidem. p.57

¹¹³ FERGUSON, John. “Chapter 2: The Exhortation to the Greeks”. In: “Clement of Alexandria”. Twayne Publishers, New York, 1974. p.49

Essas vias da verdade, escorregadias e perigosas, fazem o homem tombar, afastar-se do céu e voltar-se para o abismo. Eu gostaria, entretanto, de mostrar-vos esses deuses em pessoa, tais como são, se existem, para que, de uma vez por todas, vós vos aparteis do erro e, novamente, corrais em direção ao céu.¹¹⁴

Clemente, para iniciar a abordagem da humanização das entidades pagãs gregas, argumenta de forma mais “simpática” ao seu leitor. Tendo sido criado em um ambiente onde o paganismo era a forma de religião predominante e só convertendo-se ao cristianismo em idade adulta – como já mencionado-, o autor invoca uma coletividade que teve contato com os mistérios e rituais, para apresentar a sua revelação ao perceber o poder da divina palavra cristã pela primeira vez. Afirmando que a misericórdia, o amor que acolhe o novo convertido jamais será alcançado por esses deuses falsos do panteão greco-romano.

Nós éramos, pois, de certa maneira, filhos da ira, juntamente com os demais; porém, que é rico em misericórdia, por causa do grande amor que nos consigna, fez-nos reviver com o Cristo, quando já estávamos mortos por nossos erros. Pois o ‘Logos vivo’ e sepultado com Cristo elevou-se a Deus. Porém os que ainda permanecem incrédulos, chamam-se ‘filhos da ira’, alimentados pela cólera. Por outro lado, nós não somos mais frutos da cólera; uma vez afastados do erro, celebramos agora a verdade.¹¹⁵

Narra que os recém-convertidos eram “filhos da ilegalidade”¹¹⁶, que seguiam deuses em “forma de mito e ficção”¹¹⁷ que foram esculpidos por homens “ímorais e concupiscentes”¹¹⁸. Após dizer que os deuses são fruto da imaginação corrupta humana, Clemente procura provar sua tese levantando dados que mostram a inconsistência dos mitos; escreve que Zeus, por exemplo, existem três: um filho de éter, na Arcádia, e outros dois filhos de Cronos, um de origem cretense e outro acadiano.

Há outros que admitem cinco Atenas: uma filha de Hefesto, a de Atenas; uma de Nilo, a egípcia; uma terceira, filha de Cronos, a inventora da guerra; a quarta é filha de Zeus, a qual os messênios chamavam de Corifásia, por causa do nome de sua mãe; a quinta é

¹¹⁴ “Αὐταί μὲν αἰ ὀλισθηραὶ τε καὶ ἐπιβλαβεῖς παρεκ βάσεις τῆς ἀληθείας, καθέλκουσαι οὐρανόθεν τὸν ἄνθρωπον καὶ εἰς βάραθρον περιτρέπουσαι. Ἐθέλω δὲ ὑμῖν ἐν χρῶ τοὺς θεοὺς αὐτοὺς ἐπιδειῖξαι ὅποιοι τινες καὶ εἴ τινες, ἵν' ἤδη ποτὲ τῆς πλάνης λήξητε, αὐτίς δὲ παλινδρομήσητε εἰς.” ALEXANDRIA, Clemente de – II, 27.1 “Capítulo II: A demolição dos mistérios e dos mitos gregos” In: *Exortação aos Gregos*. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. Ed: Realizações Editora, São Paulo, 2013, p.57

¹¹⁵ “οὐρανόν. ” Ἡμεῖς γάρ που καὶ ἡμεῖς τέκνα ὀργῆς, ὡς καὶ οἱ λοιποὶ· ὁ δὲ θεὸς πλούσιος ὢν ἐν ἐλέει, διὰ τὴν πολλὴν ἀγάπην αὐτοῦ, ἦν ἠγάπησεν ἡμᾶς, ὄντας ἤδη νεκροὺς τοῖς παραπτώμασιν συνεζωοποίησεν τῷ Χριστῷ. ” “Ζῶν γὰρ ὁ λόγος” καὶ συνταφεῖς Χριστῷ συνυψοῦται θεῷ. Οἱ δὲ ἐτι ἄπιστοι “τέκνα ὀργῆς” ὀνομάζονται, τρεφόμενα ὀργῇ· ἡμεῖς δὲ οὐκ ὀργῆς θρέμματα ἐτι, οἱ τῆς πλάνης ἀπεσπασ.” II, 27.2 Ibidem., p.59

¹¹⁶ II. 27.3 Ibidem, p.59

¹¹⁷ II. 27.4 Ibidem. p.59

¹¹⁸ Idem. Ibidem, p.59

filha de Palas e da oceânica Titânis, que, após ter imolado impietosamente o pai, adornou-se com a pele deste, como se fosse um tosão de ovelha.¹¹⁹

Ao tentar contar quantos Apolos existem na tradição pagã, afirma ser impossível, pois há o nomeado por Aristóteles, como sendo filho de Atena e Hefesto, há um filho de Zeus, um de Sileno, há um da Líbia, filho de Amom e um outro filho de Magnes, “(...) quantos Apolos existem? Inumeráveis mortais, homens perecíveis, chamados pelo mesmo nome (...)”¹²⁰ indaga Clemente. Continua seu relato questionando as diferentes versões de entidades, que se contradizem entre si e são reflexos de indivíduos mortais que foram venerados por diferentes culturas e locais sem possuírem qualquer tipo de logos divino. Conta que os poemas que ajudaram a transformar estes mortais em deuses nada mais são que estórias e que Homero, o grande impulsionador de tais contos é o mais

digno de fé, ao falar de dois Dióscuros, e quando diz que Hércules também é apenas um ídolo; um ser humano, Hércules, o autor de grandes trabalhos! (...) Homero sabe que Hércules é um homem mortal; Jerônimo, o filósofo, também nos pinta o seu retrato: pequeno, cabelos eriçados, vigoroso; Dicéarco porém, o faz rijo como um toro de madeira, robusto e nervoso, escuro, nariz adunco, olhos brilhantes. Esse Hércules viveu 52 anos e terminou sua vida com honras fúnebres numa pira no monte Eta.¹²¹

Após proclamar que os poetas na verdade foram mal compreendidos e tiveram suas narrativas interpretadas erroneamente, Clemente “historiciza” a figura das Musas, contando que as proclamadoras dos poemas nada mais são que servas mísias, compradas pela filha do rei Mácar de Lesbos:

Esse tal de Mácar (...) estava sempre em desavença com sua mulher. Meglaco [sua filha], por seu turno, indignava-se por causa de sua mãe: o que poderia fazer para mudar as coisas? Ela compra, então, para si própria, essas servas oriundas da Mísia, cujo número é sabido de todos, e as chama de *Moísai*, segundo o dialeto eólio. (...) Ela as ensina a celebrar, harmoniosamente, pelo canto, acompanhado pela cítara, os feitos heroicos do passado. Sua música contínua e

¹¹⁹ “ πάλιν. Εἰσὶ δὲ οἱ πέντε Ἀθηναῖς ὑποτίθενται, τὴν μὲν Ἥφαιστου, τὴν Ἀθηναίαν· τὴν δὲ Νεῖλου, τὴν Αἰγυπτίαν· τρίτην τοῦ Κρόνου, τὴν πολέμου εὐρέτιν· τετάρτην τὴν Διός, ἣν Μεσσηνιοὶ Κορυφασίαν ἀπὸ τῆς μητρὸς ἐπικεκλή κασιν· ἐπὶ πᾶσι τὴν Πάλλαντος καὶ Τιτανίδος τῆς Ὠκεανοῦ, ἣ τὸν πατέρα δυσσεβῶς καταθύσασα τῷ πατρὶ φησὶ κεκόσμηται ” II, 28.2 Ibidem. p.59/61

¹²⁰ “ τικὸς τούτοις ἕκτον ἐπιφέρει τὸν Μάγνητος. Πόσοι δὲ καὶ νῦν Ἀπόλλωνες, ἀναρίθμητοι θνητοὶ καὶ ἐπικήροὶ τινες ἄνθρωποι, εἰσὶν, οἱ παραπλησίως τοῖς προειρημένοις ἐκείνοις κεκλημένοι » II, 28.4 Ibidem.,p.61

¹²¹ “ Τοῦτο μὲν ποιητικῶς ἐγεύσατο· Ὅμηρος δὲ ἀξιοπιστότερος αὐτοῦ εἰπὼν περὶ ἄμφοιν τοῖν Διοσκούροιν, πρὸς δὲ καὶ τὸν Ἡρακλέα "εἰδῶλον" ἐλέγξας· "φῶτα" γὰρ "Ἡρακλήα 2.30.7, μεγάλων ἐπίστορα ἔργων". Ἡρακλέα οὖν καὶ αὐτὸς Ὅμηρος θνητὸν οἶδεν ἄνθρωπον· Ἰερώνυμος δὲ ὁ φιλόσοφος καὶ τὴνσχέσιν αὐτοῦ ὑφηγεῖται τοῦ σώματος, μικρόν, φριζότριχα, ῥωστικόν· Δικαίαρχος δὲ σχιζίαν, νευρώδη, μέλανα, γρυπὸν, ὑποχαροπὸν, τετανότριχα. Οὗτος οὖν ὁ Ἡρακλῆς δύο πρὸς τοῖς πενήκοντα ἔτη βεβιωκῶς κατέσ τρεπε τὸν βίον διὰ τῆς ἐν Οἴτῃ πυρᾶς κεκηδευμένος. ” II, 30.6 II, 30.7 Ibidem. p.65

apaziguadora e a própria beleza de seus cânticos encantam Mácara e põem fim a sua cólera. A própria Megaclo, por causa disso, e agradecida por sua mãe, mandou cunhar a efígie das Musas em bronze e ordenou que elas fossem honradas em todos os templos. Essas eram as Musas, segundo a história contada por Mirsilo de Lesbos¹²²

Clemente, ainda tentando numerar as características humanas dos deuses gregos, apela para a sexualidade das divindades afim de provocar o gentio. Diserta sobre este apelo sexual imoral que as figuras pagãs exercem, principalmente as figuras masculinizadas:

Agora escutai, pois, os amores de vossos deuses, os estranhos mitos de suas fraquezas, suas feridas, suas prisões, seus risos, suas batalhas, suas sujeições, seus banquetes, seus amplexos, suas lágrimas e paixões, seus prazeres carnisais. (...) Façam-me vir Poseidão e o coro das que foram seduzidas por ele(...) E que venha agora, antes de tudo, o próprio Zeus, o 'pai dos homens e dos deuses', segundo vós próprios! Este se entrega prodigamente aos prazeres afrodisíacos, desejando todas e com todas saciando seu desejo. Não obstante, o bode Tmuite se satisfaz muito mais com as suas cabras do que Zeus com todas as suas mulheres.¹²³

O autor joga a homossexualidade como este ato pecaminoso que é promovido por estes seres hiperssexualizados:

Com efeito, vossos deuses não poupam sequer os meninos: um foi amante de um certo Hílas, outro de Jacinto, outro de Pélops, mais outro de Crisipo, e Zeus de Ganimedes. Eis os deuses que vossas mulheres devem adorar! Que elas lhes implorem para que seus maridos sejam tais quais essas divindades: saudáveis de espírito, para que possam rivalizar com esses deuses! Vossos filhos devem habituar-se a venerá-los, a fim de tornarem-se homens, recebendo, como herança, os vossos deuses, a imagem diáfana da devassidão.¹²⁴

¹²² “Μεγακλώ ή θυγάτηρ ή Μάκαρος. Ό δέ Μάκαρ Λεσβίων μέν έβασίλευεν, διεφέρετο δέ άει πρός την γυναικα, ήγα νάκτει δέ ή Μεγακλώ ύπερ τής μητρός· τί δ' ουκ έμελλε; Καί Μυσάς θεραπεινίδας ταύτας τοσαύτας τόν άριθμόν ώνεΐται και καλεΐ Μοΐσας κατά την διάλεκτον την Αιολέων. 2.31.3 Ταύτας έδιδάξατο άδειν και κιθαρίζειν τās πράξεις τās παλαιάς έμμελώς. Αΐ δέ συνεχώς κιθαρίζουσαι και καλώς κατεπάδουσαι τόν Μάκαρα έθελγον και κατέπαυον τής (...) όργής. Ού δη χάριν ή Μεγακλώ χαριστήριον αúτας ύπερ τής μητρός άνέθηκε χαλκώς και άνα πάντα εκέλευσε τιμᾶσθαι τὰ ιερά. Καί αΐ μέν Μοῦσαι τοιαΐδε· ή δέ ιστορία παρὰ Μυρσίλω τῷ Λεσβίω.” II, 31.2; II, 31.3; II, 31.4 Ibidem.p. 65

¹²³ “ Άκούετε δη ούν τῶν παρ' ύμΐν θεῶν τούς έρωτας και τās παραδόξους τής άκρασίας μυθολογίας και τραύματα αúτων και δεσμά και γέλωτας και μάχας δουλείας τε έτι και συμπόσια συμπλοκάς τ' αú και δάκρυα και πάθη και (...) μαχλώσας ήδονάς. Κάλει μοι τόν Ποσειδῶ και τόν χορόν τῶν διεφθαρμένων ύπ' αúτοῦ, την Άμφιρίτην, την Άμυμώνην, την Άλόπην, την Μελανίπην, την Αλκυόνην, την Ίπποθόην, την Χιονήν, τās άλλας τās μυρίας· έν αΐς δη και τοσαύταις ούσαις έτι τοῦ Ποσειδῶνος ύμῶν έστενοχω (...)τήν φθοράν. Αúτός τε ό Ζεύς επί πᾶσιν ήκέτω, ό "πατήρ" καθ' ύμᾶς "άνδρῶν τε θεῶν τε"· τοσοῦτος περι τὰ άφρο δίσια έξεχύθη, ως έπιθυμείν μέν πασῶν, εκπληροῦν δέ εις πάσας την έπιθυμίαν. Ένεπίπλατο γοῦν γυναικῶν ούχ ήττον ή αΐγῶν ό Θμουιτῶν τράγος.” II,32.1; II,32.2; II,32.4 Ibidem. p.65/67

¹²⁴ “ παιδών διηγείσθαι φθοράς. Ουδέ γάρ ουδέ παιδών άπέσχοντο οι παρ' ύμΐν θεοΐ, ό μέν τις Ύλα, ό δέ Ύακίνθου, ό δέ Πέλοπος, ό δέ Χρυσίπου, ό δέ Γανυμήδους έρώντες. (...) Τούτους ύμῶν αΐ γυναικες προσκυνούντων τούς θεούς, τοιούτους δέ ευχέσθαι είναι τούς άνδρας τούς έαυτῶν, ούτω σώφρονας, ύν ᾧσιν ὁμοιοι τοΐς θεοΐς τὰ ίσα έζηλω κότες· τούτους έθιζόντων οι παΐδες ύμῶν σέβειν, ίνα και άνδρες γενήσονται εΐκόνα πορνείας έναργή τούς θεούς” II, 33.5; II,33.6 Ibidem. p.69

Clemente também menciona a sexualidade feminina do panteão grego, mas não no sentido de uma insaciedade como os deuses masculinos, mas sim, de um despudor não esperado de uma mulher, pois as acusa de adultério, afirmando que a figura feminina necessita de um grau moral elevado. Mais uma vez, Clemente utiliza de tipificações físicas para mencionar e descrever de forma pejorativa as divindades pagãs:

Afrodite, uma vez possuída por Ares, passou a Ciniras, depois se casou com Anquises, em seguida uma emboscada para Faetonte, ama Adônis, disputa com a ‘a deusa de olhos bovinos’, e, depois de se despojarem de suas vestimentas, por uma maçã, as deusas se apresentam nuas a um pastor que deve julgar a beleza delas.¹²⁵

O teólogo procura deixar evidente a condição humana impregnada nos deuses que os gentios e pagãos veneram, afirmando que são “escravos de suas próprias paixões”¹²⁶; também menciona os jogos Ístmicos, Nemeus, Píticos e Olímpicos como forma de escravização de seus adoradores. Volta a trazer o aspecto “indecente” dos mitos para reforçar o quão baixo dos deuses são em suas obsessões humanas, e a partir disso desenvolve uma transição dessa qualidade humana da entidade divina pagã como na verdade uma amostra maligna de sua verdadeira face.

3.5 –E no fim todos são apenas demônios.

Após humanizar a figura divina helênica, tornando-a frágil e passional; Clemente se utiliza de Homero para afirmar a existência corpórea de tais entidades: “Homero testemunha perfeitamente, quando põe em cena Afrodite lançando terríveis e agudos gritos por causa da ferida e quando nos descreve o belicosíssimo Ares ferido no flanco por Diomedes”¹²⁷. Argumenta que podem se ferir, que podem cair, que são suscetíveis à mortalidade. Porém esse processo de “humanização” cria um novo tipo ser, um que possui graves defeitos, que é diferente, que além de ser levado pelas paixões e vícios como homens e mulheres, carrega em si o ar da desgraça, do impuro, do profano. Clemente ao dizer que os deuses gregos são

¹²⁵ “ φαττα. Αφροδίτη δὲ ἐπ' Ἄρει κατησχυμμένη μετῆλθεν ἐπὶ Κινύραν καὶ Ἀγχίστην ἔγρημεν καὶ Φαέθοντα ἐλόχα καὶ ἦρα Ἀδώνιδος, ἐφιλονεῖκει δὲ τῇ βοώπιδι καὶ ἀποδυσάμεναι διὰ μῆλον αἰ θεαὶ γυμναὶ προσεῖχον τῷ ποιμένι, ἦτις αὐτῶν δόξει καλή. ” II, 33.9 Ibidem. p.69

¹²⁶ II, 35.1 Ibidem. p.71

¹²⁷ “ Τούτοις οὖν εἰκότως ἔπεται τοὺς ἐρωτικούς ὑμῶν καὶ παθητικούς τούτους θεοὺς ἀνθρωποπαθεῖς ἐκ παντὸς εἰσάγειν τρόπου. "Καὶ γάρ θην κείνους θνητὸς χρώς". Τεκμηριοῖ δὲ Ὅμηρος μάλα ἀκριβῶς, Αφροδίτην ἐπὶ τῷτραύματι παρεισάγων ὄξυ καὶ μέγα ἰάχουσαν αὐτόν τε τὸν πολεμικώτατον Ἄρη ὑπὸ τοῦ Διομήδους κατὰ τοῦ κενεῶνος ” II, 36.1 Ibidem.p. 73

passíveis de lesões físicas, escreve que o sangue derramado de tal ferida não é comum, nem humano; é algo asqueroso, sujo e maculado:

Se há ferida, há sangue! E o *ícor*, esse líquido que os poetas associam ao sangue, é mais repugnante que o sangue comum, pois *ikhor* significa putrefação do sangue. É mister, portanto, conceder aos deuses cuidados e alimento, já que têm necessidade de tais coisas.¹²⁸

Então afirma que não são humanos, possuem as mesmas falhas e seduções, e questiona sua mortalidade:

Por isso há banquetes, embriaguez, riso e uniões. Praticariam eles os prazeres carnavais próprios dos humanos, procriariam e cochilariam, se fossem imortais, sem carência de coisa alguma e possuidores de *agerasia*?¹²⁹

Clemente volta seu foco para Zeus, a quem, ironicamente, chama de “nobre personagem”¹³⁰; o expõe pelo ponto de vista de seus adoradores, que o veem como ser exemplar e vingador das injustiças. O faz para afirmar o que a entidade, para Clemente, realmente representa: “o injusto, o criminoso, o imoral, o sacrilégio, o misantropo, o violento, o corruptor, o adúltero, o libertino!”¹³¹. Clemente segue suas últimas sessões se dedicando à demonização da figura mor do Olimpo grego; volta ao argumento que utilizou neste processo de demolição para destruir o sagrado em Zeus, o humaniza, tira sua existência e enfim, o torna demônio:

Ainda bem que este Zeus só existiu enquanto realmente existiu como homem; agora, até vossos mitos- segundo me parecem- também já envelheceram. Zeus não é mais serpente, nem cisne, nem águia, nem homem ardente de amor; não é mais um deus volátil, nem pederasta, nem apaixonado, nem usa mais da violência(...). Onde esta aquela famigerada águia? Onde está o cisne? Onde esta Zeus, ele mesmo? Envelheceu junto com suas asas; com certeza não é porque se haja arrependido de suas aventuras eróticas, tampouco porque tenha aprendido os ensinamentos da prudência e da temperança. Nós vos desvelamos o mito: Leda morreu, morreu o cisne, morreu a

¹²⁸ “οὐτασθῆναι λέγει. Εἰ δὴ τραύματα, καὶ αἵματα· οἱ γὰρ ἰχώρες οἱ ποιητικοὶ εἰδεχθέστεροι καὶ τῶν αἱμάτων, σῆψις γὰρ αἵματος ἰχώρ νοεῖται. Ἀνάγκη τοίνυν θεραπείας καὶ” II, 36.3 Ibidem. p.73

¹²⁹ “τροφὰς παρεισάγειν αὐτοῖς, ὧν εἰσιν ἐνδεεῖς. Διὸ τράπεζαι καὶ μέθαι καὶ γέλωτες καὶ συνουσίαι, οὐκ ἂν ἀφροδισίοις χρωμένων ἀνθρωπίνοις οὐδὲ παιδοποιουμένων οὐδὲ μὴν ὑπνωσόντων, εἰ ἀθάνατοι καὶ ἀνενδεεῖς καὶ ἀγήρω ὑπῆρχον.” II, 36.4 Ibidem. p.73

¹³⁰ II, 37.1 Ibidem, p.75

¹³¹ “Καλὸς γε ὁ Ζεὺς ὁ μαντικός, ὁ ξένιος, ὁ ἰκέσιος, ὁ μελίχιος, ὁ πανομφαῖος, ὁ προστροπαῖος· μᾶλλον δὲ <ὁ> ἄδικος, ὁ ἄθεσμος, ὁ ἄνομος, ὁ ἀνόσιος, ὁ ἀπάνθρωπος, ὁ βίαιος, ὁ φθορεὺς, ὁ μοιχός, ὁ ἐρωτικός. Ἀλλὰ τότε μὲν ἦν, ὅτε τοιοῦτος ἦν, ὅτε ἀνθρώπος ἦν, νῦν δὲ ἤδη μοι δοκοῦσι” II, 37.1 Ibidem. p.75

águia...Procuras o teu Zeus? Então não te ocupes do céu, mas sim na terra.¹³²

Colocando assim o grande deus grego como um mortal em decomposição, Clemente diz que, mesmo assim, a entidade é venerada onde foi sepultado; narra que os cretenses foram os que construíram o seu túmulo, permitindo a adoração destes seres divinos, porém mortos. Correlaciona reis e governantes às figuras endeusadas dos helenos: Agamêmnon seria Zeus, conforme narra Estáfilo. Por fim, apresenta suas fontes voltando a satirizar o indivíduo pagão e ou/gentio grego:

Tu acreditas que esses fatos que te expomos são tirados de textos fraudulentos? Não reconheces, pois, teus próprios escritores, os quais eu trago aqui como testemunhas de tua incredulidade, vós, ó infortunados, que preenchestes toda a vossa vida com objetos ridículos e ímpios, tornando-a deveras impossível de suportar? (...) E, por acaso, são os gregos – que adoram esses deuses- melhores que os egípcios que adoram, nas aldeias e nas cidades, animais irracionais? Os animais irracionais, ao menos, não são adúlteros, nem concupiscentes, tampouco buscam prazeres contra a sua natureza. Mas será ainda necessário dizer alguma coisa a respeito dos gregos, quando já foram suficientemente desmascarados?¹³³

Ao relacionar os gregos com os egípcios, Clemente joga “paganismo” contra “paganismo”, procurando depreciar a mitologia grega:

Em verdade, os egípcios- de quem eu me lembrei agora- possuem uma variedade de cultos, entre eles, os sienitas veneram o fagro, um peixe; os habitantes de Elefantina, o maiote (outro peixe); (...) os heracleopolitanos, o icneuno, os saítas e os tebanos, a ovelha, os licopolitanos, o lobo, os cinopolitanos, o cão; os habitantes de Mênfis, Ápis; os de Mendes, o bode.¹³⁴

¹³² “Καλός γε ὁ Ζεὺς ὁ μαντικός, ὁ ξένιος, ὁ ἰκέσιος, ὁ μελίχιος, ὁ πανομφαῖος, ὁ προστροπαῖος· μᾶλλον δὲ <ὁ> ἄδικος, ὁ ἄθεσμος, ὁ ἄνομος, ὁ ἀνόσιος, ὁ ἀπάνθρωπος, ὁ βίαιος, ὁ φθορεὺς, ὁ μοιχός, ὁ ἐρωτικός. Ἀλλὰ τότε μὲν ἦν, ὅτε τοιοῦτος ἦν, ὅτε ἄνθρωπος ἦν, νῦν δὲ ἤδη μοι δοκοῦσι (...) καὶ οἱ μῦθοι ὑμῖν γεγηρακέναι. Δράκων ὁ Ζεὺς οὐκέτι, οὐ κύκνος ἐστίν, οὐκ ἀετός, οὐκ ἄνθρωπος ἐρωτικός· οὐχ ἵπταται θεός, οὐ παιδεραστεῖ, οὐ φιλεῖ, οὐ βιάζεται, καίτοι πολλαὶ καὶ καλαὶ καὶ νῦν ἔτι γυναῖκες καὶ Λήδας εὐπρεπέστεραι καὶ Σεμέλης ἀκμαιότεραι, μειράκια δὲ ὄραιότερα (...) καὶ πολιτικώτερα τοῦ Φρυγίου βουκόλου. Ποῦ νῦν ἐκεῖνος ὁ ἀετός; Ποῦ δὲ ὁ κύκνος; Ποῦ δὲ αὐτὸς ὁ Ζεὺς; Γεγήρακε μετὰ τοῦ περοῦ· οὐ γὰρ δήπου μετανοεῖ τοῖς ἐρωτικοῖς οὐδὲ παιδεύεται σωφρονεῖν. Γυμνοῦται δὲ ὑμῖν ὁ μῦθος· ἀπέθανεν ἡ Λήδα, ἀπέθανεν ὁ κύκνος, ἀπέθανεν ὁ ἀετός. Ζητεῖς σου τὸν Δία; μὴ τὸν οὐρανόν, ἀλλὰ τὴν γῆν πολυπραγ” II,37.1; II,37.2; II,37.3 Ibidem. p.75

¹³³ “Οἶε ποθὲν παρέγγραπτα ταῦτά σοι κομίζεσθαι τὰ ὑφ’ ἡμῶν παρατιθέμενα; Οὐδὲ τοὺς σοὺς γνωρίζειν ἔοικας συγγραφεῖς, οὗς ἐγὼ μάρτυρας ἐπὶ τὴν σὴν ἀπιστίαν καλῶ, ἀθέου χλευῆς, ὃ δέιλαιοι, τὸν πάντα ὑμῶν ἀβίωτον ὄντως (...)σφίσιν αὐτοῖς. Καὶ πόσῳ βελτίους Αἰγύπτιοι κωμηδὸν καὶ κατὰ πόλεις τὰ ἄλογα τῶν ζώων ἐκτετιμηκότες ἤπερ Ἕλληνες τοιοῦτους προσκυνοῦντες θεοὺς; Τὰ μὲν γὰρ εἰ καὶ θηρία, ἀλλ’ οὐ μοιχικά, ἀλλ’ οὐ μάχλα, παρὰ φύσιν δὲ θηρεύει ἡδονὴν οὐδὲ ἐν. Οἱ δὲ ὅποιοι, τί καὶ χρὴ λέγειν ἔτι, ” II, 39.1; II, 39.4 Ibidem, p. 77/79

¹³⁴ “ἀποχρόντως αὐτῶν διεληλεγμένων; Ἀλλ’ οὖν γε Αἰγύπτιοι, ὧν νῦν δὴ ἐμνήσθην, κατὰ τὰς θρησκείας τὰς σφῶν ἐσκέδανται· σέβουσι δὲ αὐτῶν Συνηῖται φάγρον τὸν ἰχθύν, μαιώτην δὲ (ἄλλος οὗτος ἰχθύς) οἱ τὴν Ἐλεφαντίνην οἰκοῦντες, Ὁξυρυγῆται τὸν φερόνυμον τῆς χώρας αὐτῶν ὁμοίως ἰχθύν, ἔτι γε μὴν

Clemente caçoa dos gregos por se sentirem superiores aos egípcios, pois são tão tolos quanto, argumentando que os helenos também veneram criaturas irracionais e estúpidas como representação de uma divindade maior, exemplificando uma série de povos que adoram de formigas (tessálios) à pombas (sâmios). Então, após desclassificar os deuses gregos e humilhá-los, questiona seus fiéis, os acusando de orarem para uma força maligna invisível; se estas entidades são falsas, enganadoras, mortais e profanadoras da verdadeira fé, são artigos do inimigo para propagar o mal, são demônios disfarçados.

Pois bem, uma vez que não são deuses esses seres a quem vós endeis culto, parece-me, portanto, conveniente examinar se eles não seriam demônios engajados, como vós dizeis, numa segunda categoria. Se de fato, são demônios, são, por conseguinte, companheiros da gula e da luxúria¹³⁵.

Clemente então dirige-se à todos os povos dos quais compõe este vínculo de adoração ao paganismo greco-romano, invocando-os por seu culto demoníaco:

Encontram-se, pois, assim, livre e indiscriminadamente, nas cidades, esses demônios regionais, reverenciados como objetos de culto: Menédeme, entre os citnienses, Calistágoras, entre os tenienses; Ânio, entre os délios; Astrábaco, entre os lacônios. (...) Existe ainda um sem-número de outros demônios(...).¹³⁶

O alexandrino então termina esta parte de demolição dos mitos e mistérios gregos em sua exortação discorrendo com repugnância sobre a lógica do paganismo helênico:

Se esses são, pois, vossos guardiões, não o são pela benevolência que sentem por vós, mas presos à vossa ruína; como aduladores, eles perseguem o que lhes mantém a, atraídos pela fumaça (dos sacrifícios). Esses mesmos demônios, de alguma maneira, reconhecem a sua gula [citando *Iliada*]: ‘Libações e a fumaça odorífica das vítimas são o que nós temos como recompensa’, dizem eles. (...) Eis o que são, para vós, os demônios, os vossos deuses, e também todos aqueles a quem chamais de semideuses, como se

Ἡρακλεοπολίται ἰχνεύμονα, Σαῖται δὲ καὶ Θηβαῖοι πρόβατον, Λυκοπολίται δὲ λύκον, Κυνοπολίται ” Π, 39.5
Ibidem. p. 79

¹³⁵ “ Εἶεν δὴ· ἐπειδὴ οὐ θεοί, οὐς θρησκεύετε, αἴθις ἐπισκέψασθαι μοι δοκεῖ εἰ ὄντως εἶεν δαίμονες, δευτέρᾳ ταύτῃ, ὡς ὑμεῖς φατέ, ἐγκαταλεγόμενοι τάξει. Εἰ γὰρ οὖν ” Π,40.1 Ibidem. p.79

¹³⁶ “ δαίμονες, λίχνοι τε καὶ μιαιοί. Ἔστι μὲν ἐφευρεῖν καὶ ἀναφανδὸν οὕτω κατὰ πόλεις δαίμονας ἐπιχωρίους τιμὴν ἐπιδρεπομένους, παρὰ Κυθνίους Μενέδημον, παρὰ Τηνίους Καλλισταγόραν, παρὰ Δηλίους Ἄνιον, παρὰ Λάκωσιν Αστράβακον. Τιμᾶται δὲ τις καὶ Φαληροῖ κατὰ πρύμναν ἥρωος· καὶ ἡ Πυθία συνέταξε θύειν Πλαταιεῦσιν Ἄνδρο κράτει καὶ Δημοκράτει καὶ Κυκλαίῳ καὶ Λεύκωνι τῶν(…)Μηδικῶν ἀκμαζόντων ἀγώνων. Ἔστι καὶ ἄλλους παμπόλ λους συνιδεῖν δαίμονας τῷ γε καὶ σμικρὸν διαθρεῖν δυνα μένω· τρίς γὰρ μύριοι εἰσιν ἐπὶ χθονὶ πουλυβοτείρῃ δαίμονες ἀθάνατοι, φύλακες μερόπων ἀνθρώπων. ” Π,40.2; Π, 41.1
Ibidem. p. 79/81.

disse semiasno: pois, de fato, vós não tendes carência de nomes para essas criaturas compostas de impiedade.¹³⁷

Os demônios, para o teólogo, são amantes misantropos (μισάνθρωποι δαίμονες), alienados e hostis à humanidade. Argumenta que os templos divinos pagãos são na realidade tumbas, grandes cemitérios que carregam o sacrifício humano como troféu, e por fim usa de Heródoto para dizer que os indivíduos entre si amam realmente a humanidade, muito mais que estes deuses, que são indiferente à ela.¹³⁸

¹³⁷ “Εἰ δ' ἄρα καὶ εἰσὶ φύλακες οὗτοι, οὐκ εὐνοία τῇ πρὸς ὑμᾶς περιπαθεῖς, τῆς δὲ ὑμεδαπῆς ἀπωλείας ἐχόμενοι, κολάκων δίκην ἐγχρίμπτονται τῷ βίῳ, δελεαζόμενοι καπνῷ. Αὐτοὶ που ἐξομολογοῦνται οἱ δαίμονες τὴν γαστριμαργίαν τὴν αὐτῶν, λοιβῆς τε κνίσσης τε· τὸ γὰρ λάχομεν γέρας ἡμεῖς, (...) λέγοντες. Τίνα δ' ἂν φωνὴν ἄλλην, εἰ φωνὴν λάβοιεν Αἰγυπτίων θεοί, οἷα αἴλουροι καὶ γαλαῖ, προήσονται ἢ τὴν Ὀμηρικὴν τε καὶ ποιητικὴν, τῆς κνίσσης τε καὶ ὀψαρτυτικῆς φύλην; τοιοῦδε μέντοι παρ' ὑμῖν οἱ τε δαίμονες καὶ οἱ θεοὶ καὶ εἴ τινας ἡμίθεοι ὥσπερ ἡμίονοι κέκληνται· οὐδὲ γὰρ οὐδὲ ὀνομάτων ὑμῖν πενία πρὸς τὰς τῆς ἀσεβείας συνθέσεις.” Πλάδα, IV, 49. Apud II, 41.3; II, 41.4 Ibidem. p. 81

¹³⁸ FERGUSON, John. “Chapter 2: The Exhortation to the Greeks”. In: “Clement of Alexandria”. Twayne Publishers, New York, 1974, p.51

Considerações finais

O Mundo Antigo é constituído por essa sociedade que cultua o invisível, que enxerga o universo cósmico como essa força determinante e necessária para o estabelecimento harmônico de uma comunidade. A expansão do Cristianismo neste mundo nada mais é que a mudança de percepção desse universo invisível. Define um cisma cosmológico que aplicou um revisionismo radical do monoteísmo anterior - no caso o Judaísmo - e forçou a sociedade a adotar um aspecto binário, onde de um lado temos os “filhos da luz” unidos aos anjos, e do outro os “filhos da escuridão”, em aliança com o poder do mal¹³⁹. O evangelho de Marcos, como dito anteriormente, desempenhou um papel de grande importância no processo de reconstrução da figura de Satã – que na tradição hebraica do século I estava virtualmente ausente-, pois desvia essa configuração judaica convencional da representação do mal e a introduz na ideia de uma única entidade, aquele que primeiro caiu, Satã. Vincula o ensino de Jesus à uma constante batalha entre o espírito de Deus e os demônios que pertencem àquilo que é chamado de reino do mal.

Já os pagãos, revivendo este renascimento das tradições ritualísticas dos mistérios em pleno século II, concordavam que essa energia invisível que registrava o seu mundo e atuava em cada elemento da vida, dando ou sonhando fertilidade, atribuindo saúde e riqueza para alguns e, para outros, pobreza, escravidão e doença, assim decidindo o destino e fortuna de cada “nação”¹⁴⁰. Quando temos estes dois espectros do comportamento religioso em um mesmo lugar, o conflito pela diferença e intolerância se é esperado. A conversão de um pagão pelo batismo só é concretizada após este renunciar à todos os deuses previamente adorados e temidos, além de confessar que todas estas entidades, que um dia venerou, são na verdade espíritos malignos - *daimones* - que exercem um único papel, ir contra o verdadeiro e único Deus. Tal imposição por parte do Cristianismo gerou uma forte comoção por parte dos filósofos e intelectuais pagãos do período. Celso, seu principal interlocutor, afirma que o grande motivo pelo qual há tamanha desavença e tensão entre cristãos e pagãos se dá pelo fato dos primeiros moldarem um ritual no qual o mundo pagão era, majoritariamente, encorajado à extinção:

¹³⁹ PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. “The Origin of Satan”. New York, editor: Vintage Books, 1995. p.179

¹⁴⁰ Ibidem. p.130

Eles [os cristãos] não podem suportar a vista de templos, de altares ou de estátuas (...). Acontece que admitem em verdade que as estátuas são erguidas em honra de certos seres que lhes assemelham mais ou menos; mas, seres a quem as consagram não são deuses, são demônios; ora, quem adora Deus não deve prestar culto aos demônios(...). Que impede pois os que lhe são mais devotados de tomar parte nas festas públicas, [de servir-se das carnes consagradas e de participar nas refeições em honra dos ídolos]. Se esses ídolos nada são, que mal há em sentar-se com toda a gente no festim sagrado?¹⁴¹

Proibir o novos cristãos e aqueles em processo de conversão de participarem dos festivais pagãos, que em sua grande maioria promoviam um sentimento de união para a comunidade helênica, levava este gênio da cristandade ao ponto central desta sociedade ainda em adoração aos mitos e propagadora de suas tradições. Ao negar a existência de divindades pagãs, suas imagens, seus mistérios, toda e qualquer celebração ou representação que as mantém “vivas”, possibilitava a perpetuação de um discurso de exclusão. Ao classificar seu propósito como o de um combatente para o bem maior, o cristão do primeiro quaternário constantemente “batia no teclado” do dualismo e convocava à conversão soldados em nome de Deus. Tal lógica foi incorporada nessa tradição nascente cristã e serviu, além de outras coisas, para confirmar a identidade dos próprios cristãos com Deus e para demonizar seus oponentes- primeiro outros judeus, depois os pagãos, e por último os dissidentes cristãos, os chamados hereges.¹⁴²

Este ato, que neste presente trabalho reconhecemos como um ato político da comunidade cristã -de demonizar aqueles que consideravam inimigos e reconfigurar essa figura hebraica de Satã- perpassa a ideia de uma expansão apenas pela conversão à Jesus pelo testemunho do amor. Também tem como objetivo desqualificar outras entidades e crenças afim de estabelecer um monopólio do poder religioso, que só o deus cristão, através de Cristo, seria o verdadeiro reivindicador. Pagels utiliza do antropólogo Robert Redfield para estabelecer essa sua origem de Satã como uma reação social advinda da alteridade. Redfield argumenta que a visão de mundo da maioria das pessoas consiste essencialmente

¹⁴¹ CELSO – “Livro Quatro: Conflito do Cristianismo com o Império: Tentativa de conciliação”. In: “Discurso contra os cristãos”. Bira Câmara Editor, São Paulo 2010. p.119.

¹⁴² Such visions have been incorporated into confirm for Christians their own identification with God and to demonize their opponents- first others Jews, then pagans, and later dissident Christians called heretics.” PAGELS, Elaine- “Introduction”. In: “The Origin of Satan”. New York, Publisher: Vintage Books, 1995. p.XVII

em dois pares de uma oposição binária: humano/não-humano e nós/eles; sendo “nós” como humanos e “eles” como não humanos.¹⁴³

Assim como existe na linguagem e na cultura de povos ao redor do globo, a distinção entre ‘nós’ e ‘eles’ já aparece entre as evidências históricas remotas, em tabuletas sumérias e acadianas antigas. Tais distinções as vezes são vistas como uma atração pelo diferente, na sua maioria apenas uma repulsa, as vezes pode ser ambos de uma vez só. A palavra antiga para egípcio simplesmente significava ‘humano’; a palavra grega para o ‘não-grego’, “bárbaro”, era a oralização que imitava o som daqueles que não falavam a língua, logo sua comunicação é tida como barulhos indecifráveis (...). Na tradição cristã(...), o uso de Satã para representar o inimigo acaba por gerar uma moral e interpretação religiosa específica, do qual ‘nós’ somos o povo de Deus e ‘eles’ seu inimigo, conseqüentemente, nosso inimigo também.¹⁴⁴

Essa adoção de uma alteridade, já presente entre povos da antiguidade, por parte da comunidade cristã -e refletida na fonte apresentada anteriormente- é essencial para compreender este processo demonizador que o paganismo sofre nos séculos II a IV da Era Comum. A substancialização do mal que Clemente utiliza ao descrever os mitos e mistérios, afim de horrorizar o seu leitor e criar este aspecto asqueroso das entidades pagãs, é como percebemos de forma mais explicita esse discurso. O historiador italiano Umberto Eco escreve em seu livro “História da Feiura” que o mundo cristão se utilizou das páginas de Clemente para expor as “monstruosidades descritas pelos antigos para demonstrar a falsidade da mitologia pagã”¹⁴⁵ correlacionando-o a construção dessa imagem medonha e diabólica que as entidades pagãs desenvolveriam no medievo.

O paganismo greco-romano é então associado a entidade maligna cristã, Satã; que a partir de então não enquadra-se apenas como um reflexo humano imoral, mas é constituído

¹⁴³ PAGELS, Elaine. “Introduction.” In. “The Origin of Satan”. New York, editor: Vintage Books, 1995.p.XVIII

¹⁴⁴ “The distinction between ‘us’ and ‘they’ occurs within our earliest historical evidence, on ancient Sumerian and Akkadian tablets, just as it exists in the language and culture of peoples all over the world. Such distinctions are charged, sometimes with attraction, perhaps more often with repulsion- or both at once. The ancient Egyptian word for Egyptian simply means ‘human’; the Greek word for non-Greek ‘barbarian’ mimics the guttural gibberish of those who do not speak Greek. (...) In western Christian tradition, (...) the use of Satan to represent one’s enemies lends to conflict a specific kind of moral and religious interpretation, in which ‘we’ are God’s people and ‘they’ are God’s enemies, and ours as well,” Ibidem. p. XVIII/XIX

¹⁴⁵ Eco, Umberto. “O feio no mundo clássico – 2.Helenismo e horror”. In. “História da Feiúra”. Editora Record, Rio de Janeiro, 2007. Tradução de Eliana Aguiar. p.34.

também pelos costumes e tradições dos mistérios e mitos helênicos, que passam a representar tanto o infame, o hediondo, o maligno, o inimigo.

Bibliografia

Fonte:

ALEXANDRIA, Clemente de - “Capítulo II: A demolição dos mistérios e dos mitos gregos”
In: *Exortação aos Gregos*. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. Ed: Realizações Editora, São Paulo, 2013.

Livros:

BOTTÉRO, Jean – “O Eclesiastes e o problema do Mal” In: *Nascimento de Deus- A bíblia e o historiador*. Editora Paz&Terra, São Paulo, 1986. Tradução de Rosa Freire D’Aguiar

CELSO – “Livro Quatro: Conflito do Cristianismo com o Império: Tentativa de conciliação”. In: *Discurso contra os cristãos*. Bira Câmara Editor, São Paulo 2010

DOWNDEN, Ken. “Approaching paganism”. In: *European paganism –the realities of cult from antiquity to the middle ages*. Publisher: Routledge Taylor&Francis Group. New York, 2000.

ECO, Umberto. “O feio no mundo clássico – 2.Helenismo e horror”. In. *História da Feiúra*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2007. Tradução de Eliana Aguiar.

ELIADE, Mircea. “Duração profana e tempo sagrado.” In. *O sagrado e o profano*. Edição Livros do Brasil Lisboa. Ano: n/d.

HOUAISS, Antonio. “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.” Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

FERGUSON, John. “Chapter 2: The Exhortation to the Greeks”. In: *Clement of Alexandria*. Twayne Publishers, New York, 1974.

LIÉBAERT, Jacques. *Os padres da Igreja: séculos I-IV*. Editora: Edições Loyola, 3ª edição, São Paulo, 2013.

MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Clemente”. In: *Manual da literatura Cristã antiga grega e latina*. Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. São Paulo, 2005.

MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Gnósticos”. In: *Manual da literatura Cristã antiga grega e latina*. Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. São Paulo, 2005.

MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Introdução”. In: *Manual da literatura Cristã antiga grega e latina*. Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. São Paulo, 2005.

MORESCHINI, C., NORELLI, E. “Marcião- marcionitas – as refutações mais antigas”. In: *Manual da literatura Cristã antiga grega e latina*. Editora Santuário. Tradução de Silvana Corbucci. São Paulo, 2005.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. – *O Diabo no imaginário cristão*. Editora da Universidade do Sagrado Coração. São Paulo, 2000.

PAGELS, Elaine- “The Gospel of Mark and the Jewish War”. In: *The Origin of Satan*. New York, Publisher: Vintage Books, 1995

PAGELS, Elaine. “Satan’s early kingdom: Christians against pagans.” In. *The Origin of Satan*. New York, editor: Vintage Books, 1995.

SANTOS, Rita Codá dos. “Capítulo 3: O protrético de Clemente de Alexandria- a refutação ao politeísmo e suas práticas”. In: *Exortação aos gregos: a helenização do Cristianismo em Clemente de Alexandria*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2006.

SILVEIRA, Sidney- “Apresentação: A pedagogia do logos divino”. In. ALEXANDRIA, Clemente. *Exortação aos Gregos*. Realizações Editoras, São Paulo, 2013.

VERNANT- J. Pierre- “Introdução” In: *As Origens do Pensamento Grego*. Editora DIFEL, Rio de Janeiro, 2011. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca.

VERNANT, J. Pierre – *Entre o Mito e a Política*. Editora da Universidade de São Paulo. 2002, São Paulo. Tradução de Cristina Murachco.

VERNANT, Jean Pierre – *A Razão do mito*. In: *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*”. Editora: UnB e José Olympio Editoras, 1992, Rio de Janeiro. Tradução de Mirian Campello.

VERNANT, Jean Pierre – *O puro e o impuro*. In: *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Editora: UnB e José Olympio Editoras, 1992, Rio de Janeiro. Tradução de Mirian Campello.

VERNANT, Jean-Pierre. “A sociedade dos deuses”. In: *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Editora: UnB e José Olympio Editoras, 1992, Rio de Janeiro. Tradução de Mirian Campello.

VEYNE, Paul – “Repartição social do saber e modalidade de crença” In. *Acreditavam os gregos nos seus mitos?*. Edições 70, Portugal, 1983. Tradução de António Gonçalves.

VEYNE, Paul. Capítulo II “Uma obra-prima: o Cristianismo”. In: *Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]*. Rio de Janeiro, 2ª edição. Editora: Civilização Brasileira, 2011

Artigos:

ESTEVES, Germano Miguel Favaro – *Considerações acerca do imaginário, das representações sobre o mal e de sua evolução da Antiguidade Clássica Romana à Antiguidade Tardia*. In: Revista História Franca UNESP vol. 35

SARADI, Helen G., ELIOPOULOS, Demetrios – Late Paganism and Christianisation in Greece. In: LAVAN, Luke/MULRYAN, Michael – *The Archeology of Late Antique*. Publisher: Brill, Boston, 2011.

SILVA, Eliton Almeida da - *A Construção da ortodoxia cristã no Império Romano na Antiguidade Tardia*. In: Romanitas – Revista de estudos greco-latinos. Nº03, 2014.

VARGAS, A.Z. – *Razão, cegueira e mito*. Revista Topoi, volume 12, nº 22, 2011.

Sites:

- <http://www.roman-emperors.org/vespasia.htm> > Acesso em 05 de dezembro de 2017.

- CORREIA, Joana Paula Pereira. “Maniqueísmo: religião, seita ou heresia?” p.01 Disponível

em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371264028_ARQUIVO_ArtigoAnpuhNatal.pdf>. Acesso em 27/12/2017.

- PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. “Santo Agostinho, o teórico da Igreja na Idade Média.” p.2/3.

Disponível em <<http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1272.pdf> > Acesso em 27/12/2017.